

# Curso de Capacitação em Psicologia na Aprendizagem e Educação



# VOCÊ CONHECE A VALECUP?

SOMOS A MAIOR REDE  
DE CURSOS PEDAGÓGICOS DO BRASIL!

Temos mais de 200 Mil alunos matriculados  
na maior plataforma de cursos

**Certificado válido  
em todo o País.**

Nossos cursos são Reconhecidos e Aprovados  
pela ABED, Faculdades, Escolas, Prefeituras e Empresas

Use os certificados da Valecup para:

- ✓ Horas complementares em Faculdades
- ✓ Concursos públicos
- ✓ Provas de títulos
- ✓ Processos de recrutamento e seleção
- ✓ Promoções internas
- ✓ Gratificações adicionais conforme plano de carreira
- ✓ Enriquecer seu currículo(melhorar as suas chances de conseguir um bom emprego)

**Clique no link abaixo  
e adquira o seu certificado**

<https://rb.gy/xngmpu>



## Agradecimentos

Juntos, expressamos nossa gratidão aos mais de 3 milhões de professores e professoras do nosso país. Essa apostila é dedicada aos verdadeiros heróis e heroínas que atuam todos os dias mudando as gerações e transformando o Brasil.

Vocês são nossos maiores Mestres. E é por cada um de vocês que sempre nos dedicamos a aprimorar nosso trabalho!

“Não temos que ser perfeitos hoje. Não temos de ser melhores do que outra pessoa. Tudo o que precisamos fazer é ser o melhor que pudermos.” Joseph B. Wirthlin

Podemos mudar a educação do nosso país se dermos o primeiro passo, transformando um coração, um aluno de cada vez!

**Bons Estudos!**



# Sumário

Agradecimentos .....	3
<b>Módulo 01</b> .....	<b>6</b>
Compreendendo a Educação.....	6
Educação.....	6
No Brasil .....	7
<b>Módulo 02</b> .....	<b>9</b>
A Complexidade do Processo de Aprendizagem .....	9
Aprendizagem .....	9
Histórico .....	10
Processo de Aprendizagem.....	15
O Papel da Memória na Aprendizagem .....	21
As Influências e os Processos.....	22
Estilos de Aprendizagem.....	24
<b>Módulo 03</b> .....	<b>27</b>
Desenvolvimento e Aprendizagem .....	27
Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo .....	27
Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo .....	28
<b>Módulo 04</b> .....	<b>34</b>
A Relação Entre a Psicologia, Aprendizagem e a Educação.....	34
Psicologia Educacional.....	34
Áreas de Atuação do Psicopedagogo .....	35
Psicologia Escolar .....	35
Função do Psicopedagogo na Instituição.....	36
Freud e Educação .....	38
Piaget e Educação .....	38

Teorias.....	39
<b>Módulo 05</b> .....	<b>45</b>
A Contribuição da Psicologia Para o Processo Educacional.....	45
Desenvolvimento e a Aprendizagem na Etapa de 0 a 6 Anos 12.....	45
A Importância da Educação de 0 a 6 Anos.....	46
Desenvolvimento da Criança de 0 a 6 Anos.....	48
Consequência da Educação Infantil.....	59
<b>Módulos 06</b> .....	<b>67</b>
Estudos de Caso.....	67
Contribuição da Psicologia Para a Educação.....	67
A Importância da Psicologia da Aprendizagem e Suas Teorias Para o Campo do Ensino- Aprendizagem.....	69
Teorias da Aprendizagem na Educação.....	70
Implicações das Concepções Teóricas de Wallon, Piaget, Vygotsky e Skinner na Prática Pedagógica	72
Psicologia da Educação: Processos de Ensino- Aprendizagem.....	81
A Escola Como Espaço de Socialização do Conhecimento.....	82
<b>Quem Somos</b> .....	<b>89</b>
Referências.....	90



# Módulo 01

## Compreendendo a Educação

### Educação

Educação engloba os processos de ensinar e aprender.

No centro de um sistema educativo deve situar-se o ser humano a educar, num horizonte de plenitude. A tarefa educativa consiste, na verdade, na capacidade de identificar e de acompanhar esta presente inquietação do homem, mantendo vivo o amor pelo saber, despertando o coração e pondo em marcha a sua razão e a sua liberdade[1], tal liberdade construída pelos tijolos da autonomia do indivíduo[2].

É um fenómeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos dessas, responsável pela sua manutenção, perpetuação, transformação e evolução da sociedade a partir da instrução ou condução de conhecimentos, disciplinamentos (educar a ação), doutrinação, às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade. Ou seja, é um processo de socialização que visa uma melhor integração do indivíduo na sociedade ou no seu próprio grupo.

Enquanto processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade. Nesse sentido, educação coincide com os conceitos de socialização e endoculturação, mas não se resume a estes. A prática educativa formal — que ocorre nos espaços escolarizados, que sejam da Educação Infantil à Pós Graduação — dá-se de forma intencional e com objetivos determinados, como no caso das escolas. No caso específico da educação formal exercida na escola, pode ser definida como Educação Escolar.

De acordo com a UNESCO[3] a educação também é exercida para além do ambiente formal das escolas e adentra em outras perspectivas caracterizadas como: educação não formal e educação informal. Segundo a organização, a partir das Conferências Internacionais

de Educação de Adultos - CONFINTEA [4] compreende-se por educação não formal todo processo de ensino e aprendizagem ocorrido a partir de uma intencionalidade educativa mas sem a obtenção de graus ou títulos, sendo comum em organizações sociais com vistas a participação democrática. E educação informal como aquela ocorrida nos processos quotidianos sociais, tais como com a família, no trabalho, nos círculos sociais e afetivos.

No caso específico da educação exercida para a utilização dos recursos técnicos e tecnológicos e dos instrumentos e ferramentas de uma determinada comunidade, dá-se o nome de Educação Tecnológica. Outra prática seria a da Educação Científica, que dedica-se ao compartilhamento de informação relacionada à Ciência (no que tange a seus conteúdos e processos) com indivíduos que não são tradicionalmente considerados como parte da comunidade científica. Os indivíduos-alvo podem ser crianças, estudantes universitários, ou adultos dentro do público em geral. A educação sofre mudanças, das mais simples às mais radicais, de acordo com o grupo ao qual ela se aplica, e se ajusta a forma considerada padrão na sociedade.

No entanto, Educar não pode limitar-se a instruir, a transmitir informação, nem a transmitir competências; integra não só questões de autonomia, mas também problemas de autoridade, de tradição e de transmissão da cultura[5].

## No Brasil

### Níveis de ensino no Brasil

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional[6] a educação no Brasil se divide em:

- » Educação Infantil
- » Ensino Fundamental | Anos Iniciais do Ensino Fundamental | Anos Finais do Ensino Fundamental
- » Ensino Médio
- » Educação de Jovens e Adultos
- » Educação do campo

- » Ensino Técnico
- » Ensino Superior | Sequencial | Tecnológico | Licenciatura | Bacharelado
- » Pós-Graduação | Especialização
- » Mestrado
- » Doutorado
- » Pós-Doutorado

### **Legislação Brasileira**

No Brasil, a educação é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.[7]

### **Plano de Desenvolvimento da Educação**

A principal meta do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) é uma educação básica de qualidade, para isso deve-se investir na educação profissional e na educação superior. Para isso se tornar realidade deve acontecer o envolvimento de todos: pais, alunos, professores e gestores, em busca da permanência do aluno na escola. Com o PDE o Ministério da Educação pretende mostrar tudo o que se passa dentro e fora da escola e realizar uma grande prestação de contas. As iniciativas do MEC devem chegar a sala de aula para beneficiar a criança para atingir a qualidade que se deseja para a educação brasileira. O PDE foi editado pelo Governo Federal, por premissas à visão sistêmica da educação, a sustentação da qualidade do ensino e a prioridade a educação básica.[8]





## Módulo 02

# A Complexidade do Processo de Aprendizagem

## Aprendizagem

Aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em humanos e animais e também pode ser aplicada a sistemas artificiais.

Aprendizagem humana está relacionada à educação e desenvolvimento pessoal. Deve ser devidamente orientada e é favorecida quando o indivíduo está motivado. O estudo da aprendizagem utiliza os conhecimentos e teorias da neuropsicologia, psicologia, educação e pedagogia.

Aprendizagem como um estabelecimento de novas relações entre o ser e o meio ambiente tem sido objeto de vários estudos empíricos em animais e seres humanos. O processo de aprendizagem pode ser medido através das curvas de aprendizagem, que mostram a importância da repetição de certas predisposições fisiológicas, de «tentativa e erro» e de períodos de descanso, após o qual se pode acelerar o progresso. Esses estudos também mostram o relacionamento da aprendizagem com os reflexos condicionados. [1] Algumas pesquisas começam a revelar que os sonhos têm um papel muito importante na aprendizagem e na formação de memória. Por exemplo, alguns cientistas observaram que, durante o sono o cérebro recorda coisas que aprendeu recentemente. Durante o sono de ondas lentas, a mente recorda novas memórias. Em seguida, no sono REM - em que acontecem os sonhos -, o cérebro trabalha para guardar essas memórias por um longo prazo.[2].

## Histórico

### Antiguidade

A aprendizagem vem sendo estudada e sistematizada desde os povos da antiguidade oriental. Já no Egito, na China e na Índia a finalidade era transmitir as tradições e os costumes.

Na antiguidade clássica, na Grécia e em Roma, a aprendizagem passou a seguir duas linhas opostas porém complementares:

- » A «pedagogia da personalidade», que visava a formação individual; e
- » A «pedagogia humanista», que desenvolvia os indivíduos numa linha onde o sistema de ensino era representativo da realidade social e dava ênfase à aprendizagem universal.

### Idade Média

Durante a Idade Média, a aprendizagem e conseqüentemente o ensino (aqui ambos seguem o mesmo rumo) devem muito à tenacidade da Igreja.

Embora a censura fosse uma realidade, a Igreja teve o mérito de fundar Universidades e estimular o estudo aprofundado da natureza, do cosmo e da realidade humana.

No final daquele período, iniciou-se a separação entre as teorias da aprendizagem e do ensino com a independência em relação ao clero. Devido às modificações que ocorreram com o advento do humanismo e da Reforma, no século XVI, e sua ampliação a partir da Revolução Francesa, as teorias do ensino-aprendizagem tomaram novos caminhos.

### Século XVII ao início do Século XX

Do século XVII até o início do século XX, a doutrina central sobre a aprendiza-

gem era demonstrar cientificamente que determinados processos universais regiam os princípios da aprendizagem, tentando explicar as causas e formas de seu funcionamento, forçando uma metodologia que visava enquadrar o comportamento num sistema unificado de leis, a exemplo da sistematização efetuada pelos cientistas para a explicação dos demais fenômenos das ciências naturais.

Muitos acreditavam que a aprendizagem estava intimamente ligada somente ao condicionamento. Um exemplo de experiência sobre o condicionamento foi realizada pelo fisiólogo russo, Ivan Pavlov, que condicionou cães a salivarem ao som de campainhas.

### **A partir de 1930**

Na década de 1930 os cientistas Edwin R. Guthrie, Clark L. Hull e Edward C. Tolman pesquisaram sobre as leis que regem a aprendizagem.

Guthrie acreditava que as respostas, ao invés das percepções ou os estados mentais, poderiam formar os componentes da aprendizagem.

Hull afirmava que a força do hábito, além dos estímulos originados pelas recompensas, constituía um dos principais aspectos da aprendizagem, a qual se dava num processo gradual.

Tolman seguia a linha de raciocínio de que o princípio objetivo visado pelo sujeito era a base comportamental para a aprendizagem. Percebendo o ser humano na sociedade em que está inserido, se faz necessário uma maior observação de seu estado emocional. [3]

### **Definição de Aprendizagem**

A definição de aprendizagem é difícil de ser realizada em razão da necessidade dela não se confundir com outros conceitos. Isso se deve ao fato de aprendizagem ser um conceito natural e não um conceito artificialmente criado.

## **Uma definição com base no paradigma comportamentalista**

A definição a seguir é clássica criada dentro do modelo da psicologia comportamentalista:

«Aprendizagem é o processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada, desde que as características da mudança de atividade não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estados temporários do organismo (por exemplo, fadiga, drogas, etc)»[4]

Essa definição inicial serve para que possamos fazer algumas importantes diferenças entre atividades de aprendizagem e outras que não são.

### **Diferenças entre aprendizagem e tendências inatas**

O comportamento inato pode ser classificado em 3 tipos de atividades: reflexos, tropismos e instintos. Uma primeira abordagem ao problema parece não haver motivos para confundir aprendizagem e comportamento inato. A questão surge quando, no estudo de determinados instintos (comportamentos complexos presentes em nosso código genético), existe uma abertura para variações ambientais.

O caso clássico que podemos citar aqui é o comportamento de imprinting apresentados por aves. No imprinting a ave está geneticamente programada a aceitar uma variação no estímulo ambiental “mãe”. Em razão dessa variação até mesmo humanos podem ser identificados como sendo a “mãe” daquela ave.

### **Diferença entre maturação e aprendizagem**

Como os processos de maturação também envolvem mudança é preciso saber quais dessas mudanças são ocasionados pelo crescimento, propriamente dito, ou pela aprendizagem. Isso seria fácil se, assim como, os comportamentos inatos, não houve casos em que determinadas atividades complexa (como a aquisição da linguagem em seres humanos) não

fossem ao mesmo tempo produto de processos de maturação biológica e de exposição a variações ambientais. Como é notório, uma criança somente começa a falar a partir de certa idade, no entanto, ela falará o idioma a qual ela está exposta.

### **Diferença entre fadiga e aprendizagem**

A fadiga pode ser vista quando após uma atividade repetida muitas vezes em curto espaço de tempo seja identificada uma perda da sua eficiência. Ou seja, a fadiga é um produto da prática.

O interesse disso é que a aprendizagem também guarda uma estreita relação com a prática que a produz. No entanto, ao contrário da fadiga a curva da aprendizagem melhora com a prática. Desse modo, o que parece haver é que uma prática intensa sem muitos intervalos poderia levar a uma perda momentânea de eficiência da atividade, mas em espaços de tempo maiores levaria ao aumento da eficiência da aprendizagem.

A fadiga desse modo pode ser considerada como um estado temporário do organismo e, portanto, não pode ser confundida com a aprendizagem. O mesmo raciocínio se aplica ao uso de drogas que promove alterações no comportamento resultantes do seu uso e não de uma aprendizagem.

### **Uma definição com base em um paradigma cognitivista**

Dentro de uma perspectiva mais cognitiva podemos ter a seguinte definição de aprendizagem:

«A aprendizagem é uma mudança relativamente duradoura de comportamento resultante da experiência. Ela ocorre quando os organismos se beneficiam da experiência para que seus futuros comportamentos sejam mais bem adaptados ao ambiente»[5]

Inicialmente, é preciso explicar que a noção de comportamento aqui exposta comporta também estados mentais como pensamentos, sentimentos, imagens mentais, etc. De-

pois a definição deixar claro que as mudanças ocorridas nos comportamentos são resultados da experiência (e não da programação genética ou estados momentâneos, por exemplo). Isso é importante, pois uma coisa que todas as teorias da aprendizagem tende a concordar é que a aprendizagem provoca algum tipo de mudança.

Depois a definição acima se liga a perspectiva evolucionista em ciência ao mostrar que as mudanças ocorrem para beneficiar o organismo no seu processo de adaptação ao meio (o que não significa que mudando o meio determinada aprendizagem deixe de ser benéfica). Isso é essencial para se compreender a natureza adaptativa da aprendizagem humana. Uma das evidências que podemos trazer aqui para justificar essa ideia é o fato de que bebês humanos aprendem desde o nascimento e com grande velocidade. E que toda essa aprendizagem dos primeiros dias é quase toda ela não consciente e sem grande necessidade de intervenção social programada (ensino)[6][7].

Ela também apresenta uma característica de toda aprendizagem que estava ausente na definição anterior: a sua durabilidade no tempo. Essa característica é de suma importância, pois mostra a estreita relação entre aprendizagem e memória. De fato, como se verá, muito do que hoje podemos falar sobre os processos de aprendizagem vem dos estudos sobre o funcionamento da nossa memória, principalmente da aprendizagem de conteúdos mais explícitos, como são aqueles presentes na atividade escolar. No entanto, como é claro ainda persistem como na parte anterior os problemas de atividades ou comportamentos fronteiros (imprinting, aquisição da linguagem, etc).

### **Características da aprendizagem**

Em razão disso, Pozo (2002) prefere não criar uma definição formal de aprendizagem. Acreditar ser mais útil pensar em quais seria as melhores características para uma boa aprendizagem. Ele sugere três[6]:

- A) a aprendizagem produz mudanças duradouras
- B) a aprendizagem deve ser transferível para outras situações
- C) a aprendizagem é consequência direta da prática realizada

O ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando de estímulos externos e internos (motivação, necessidade) para o aprendizado. Há aprendizados que podem ser considerados natos, como o ato de aprender a falar, a andar, necessitando que ele passe pelo processo de maturação física, psicológica e social. Na maioria dos casos a aprendizagem se dá no meio social e temporal em que o indivíduo convive; sua conduta muda, normalmente, por esses fatores, e por predisposições genéticas. [8]

## Processo de Aprendizagem

Segundo os behavioristas, a aprendizagem é uma aquisição de comportamentos através de relações entre ambiente e comportamento, ocorridas numa história de contingências, estabelecendo uma relação funcional entre Ambiente e Comportamento

Apresenta como principais características:

- » O indivíduo é visto como ativo em todo o processo;
- » A aprendizagem é sinônimo de comportamento adquirido;
- » O reforço é um dos principais motores da aprendizagem;
- » A aprendizagem é vista como uma modelagem do comportamento

Em algumas abordagens cognitivas, considera-se que o homem não pode ser considerado um ser passivo. Enfatiza a importância dos processos mentais no processo de aprendizagem, na forma como se percebe, seleciona, organiza e atribui significados aos objetos e acontecimentos.

É um processo dinâmico, centrado nos processos cognitivos, em que temos:

INDIVÍDUO > INFORMAÇÃO > CODIFICAÇÃO > RECODIFICAÇÃO > PROCESSAMENTO > APRENDIZAGEM

De uma perspectiva humanista existe uma valorização do potencial humano as-

sumindo-o como ponto de partida para a compreensão do processo de aprendizagem. Considera que as pessoas podem controlar seu próprio destino, possuem liberdade para agir e que o comportamento delas é consequência da escolha humana. Os princípios que regem tal abordagem são a autodireção e o valor da experiência no processo de aprendizagem.

Preocuparam-se em tornar a aprendizagem significativa, valorizando a compreensão em detrimento da memorização tendo em conta, as características do sujeito, as suas experiências anteriores e as suas motivações:

- » O indivíduo é visto como responsável por decidir o que quer aprender; e
- » Aprendizagem é vista como algo espontâneo e misterioso.

Numa abordagem social, as pessoas aprendem observando outras pessoas no interior do contexto social. Nessa abordagem a aprendizagem é em função da interação da pessoa com outras pessoas, sendo irrelevante condições biológicas. O ser humano nasce como uma «tábula rasa», sendo moldado pelo contato com a sociedade. [9]

### **O processo de aprendizagem na abordagem de Vygotsky**

O ponto de partida desta análise é a concepção vygotskyana de que o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana (Vygotsky, 1993 p. 44). Sendo o pensamento sujeito às interferências históricas às quais está o indivíduo submetido, entende-se que, o processo de aquisição da ortografia, a alfabetização e o uso autônomo da linguagem escrita são resultantes não apenas do processo pedagógico de ensino-aprendizagem propriamente dito, mas das relações subjacentes a isto.

Vygotsky diz ainda que o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada



pensamento há uma tendência afetivo-volitiva. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva (Vygotsky, 1991 p. 101). Desta forma não seria válido estudar as dificuldades de aprendizagem sem considerar os aspectos afetivos. Avaliar o estágio de desenvolvimento, ou realizar testes psicométricos não supre de respostas as questões levantadas. É necessário fazer uma análise do contexto emocional, das relações afetivas, do modo como a criança está situada historicamente no mundo..

Na abordagem de Vygotsky a linguagem tem um papel de construtor e de propulsor do pensamento, afirma que aprendizado não é desenvolvimento, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer (Vygotsky, 1991 p. 101). A linguagem seria então o motor do pensamento, contrariando assim a concepção desenvolvimentista que considera o desenvolvimento a base para a aquisição da linguagem. Vygotsky defende que os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizagem, uma vez que o desenvolvimento progride de forma mais lenta, indo atrás do processo de aprendizagem. Isto ocorre de forma sequencial. (Vygotsky, 1991 p. 102) [10]

### **O processo de aprendizagem na abordagem de Piaget**

#### **O papel da equilíbrio**

Nos estudos de Piaget, a teoria da equilíbrio, de uma maneira geral, trata de um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, e assim, é considerada como um mecanismo autorregulador, necessária para assegurar à criança uma interação eficiente dela com o meio ambiente. (Wadsworth, 1996) Piaget postula que todo esquema de assimilação tende a alimentar-se, isto é, a incorporar elementos que lhe são exteriores e compatíveis com a sua natureza. E postula também que todo esquema de assimilação é obrigado a se acomodar aos elementos que assimila, isto é, a se modificar em função de suas particularidades, mas, sem com isso, perder sua continuidade (portanto, seu fechamento enquanto ciclo de processos interdependentes), nem seus poderes anteriores de assimilação. (Piaget,1975, p. 14)

Em outras palavras, Piaget (1975) define que o equilíbrio cognitivo implica afirmar a presença necessária de acomodações nas estruturas; bem como a conservação de tais es-

truturas em caso de acomodações bem sucedidas. Esta equilibrção é necessria porque se uma pessoa s3 assimilasse, desenvolveria apenas alguns esquemas cognitivos, esses muito amplos, comprometendo sua capacidade de diferenciação; em contrapartida, se uma pessoa s3 acomodasse, desenvolveria uma grande quantidade de esquemas cognitivos, por3m muito pequenos, comprometendo seu esquema de generaliza33o de tal forma que a maioria das coisas seriam vistas sempre como diferentes, mesmo pertencendo 3 mesma classe. Essa no33o de equilibr33o foi a base para o conceito, desenvolvido por Pa3n, sobre as modalidades de aprendizagem, que se servem dos conceitos de assimila33o e acomoda33o, na descri33o de sua estrutura processual.

Segundo Wadsworth, se a crian3a n3o consegue assimilar o est3mulo, ela tenta, ent3o, fazer uma acomoda33o, modificando um esquema ou criando um esquema novo. Quando isso 3 feito, ocorre a assimila33o do est3mulo e, nesse momento, o equil3brio 3 alcan3ado. (Wadsworth, 1996)

Segundo a teoria da equilibr33o, a integra33o pode ser vista como uma tarefa de assimila33o, enquanto que a diferencia33o seria uma tarefa de acomoda33o, contudo, h3 conserva33o m3tua do todo e das partes.

3 de Piaget o postulado de que o pleno desenvolvimento da personalidade sob seus aspectos mais intelectuais 3 indissoci3vel do conjunto das rela33es afetivas, sociais e morais que constituem a vida da institui33o educacional. 3 primeira vista, o desabrochamento da personalidade parece depender sobretudo dos fatores afetivos; na realidade, a educa33o forma um todo indissoci3vel e n3o 3 poss3vel formar personalidades aut3nomas no dom3nio moral se o indiv3duo estiver submetido a uma coer33o intelectual tal que o limite a aprender passivamente, sem tentar descobrir por si mesmo a verdade: se ele 3 passivo intelectualmente n3o ser3 livre moralmente. Mas reciprocamente, se sua moral consiste exclusivamente numa submiss3o 3 vontade adulta e se as 3nicas rela33es sociais que constituem as rela33es de aprendizagem s3o as que ligam cada estudante individualmente a um professor que det3m todos os poderes, ele n3o pode tampouco ser ativo intelectualmente. (Piaget, 1982)

Piaget afirma que «adquirida a linguagem, a socializa33o do pensamento manifesta-se pela elabora33o de conceitos e rela33es e pela constitui33o de regras. 3 justamente na medida, at3, que o pensamento verbo-conceitual 3 transformado pela sua natureza coletiva

que ele se torna capaz de comprovar e investigar a verdade, em contraste com os atos práticos dos atos da inteligência sensório-motora e à sua busca de êxito ou satisfação» (Piaget, 1975 p. 115). [11]

### **O processo de aprendizagem pós-piagetiano**

Paín (1989) descreve as modalidades de aprendizagem sintomática tomando por base o postulado piagetiano. Descreve como a assimilação e a acomodação atuam no modo como o sujeito aprende e como isso pode ser sintomatizado, tendo assim características de um excesso ou escassez de um desses movimentos, afetando o resultado final. Na abordagem de Piaget, o sujeito está em constante equilíbrio. Paín parte desse pressuposto e afirma que as dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas a uma hiperatuação de uma dessas formas, somada a uma hipoatuação da outra gerando as modalidades de aprendizagem sintomática a seguir:



#### **Hiperassimilação**

Sendo a assimilação o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do meio são alterados para serem incorporados pelo sujeito, numa aprendizagem sintomatizada pode ocorrer uma exacerbação desse movimento, de modo que o aprendiz não se resigna ao aprender. Há o predomínio dos aspectos subjetivos sobre os objetivos. Esta sintomatização vem acompanhada da hipoacomodação.

#### **Hipoacomodação**

A acomodação consiste em adaptar-se para que ocorra a internalização. A sintomatização da acomodação pode dar-se pela resistência em acomodar, ou seja, numa dificuldade de internalizar os objetos (Fernández, 1991 p. 110). [12].

## **Hiperacomodação**

Acomodar-se é abrir-se para a internalização, o exagero disto pode levar a uma pobreza de contato com a subjetividade, levando à submissão e à obediência acrítica. Essa sintomatização está associada a hipoassimilação.

## **Hipoassimilação**

Nesta sintomatização ocorre uma assimilação pobre, o que resulta na pobreza no contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo.

A aprendizagem normal pressupõe que os movimentos de assimilação e acomodação estão em equilíbrio. O que caracteriza a sintomatização no aprender é predomínio de um movimento sobre o outro. Quando há o predomínio da assimilação, as dificuldades de aprendizagem são da ordem da não resignação, o que leva o sujeito a interpretar os objetos de modo subjetivo, não internalizando as características próprias do objeto. Quando a acomodação predomina, o sujeito não empresta sentido subjetivo aos objetos, antes, resigna-se sem criticidade.

O sistema educativo pode produzir sujeito muito acomodativos se a reprodução dos padrões for mais valorizada que o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Um sujeito que apresente uma sintomatização na modalidade hiperacomodativa/ hipoassimilativa pode não ser visto como tendo “problemas de aprendizagem”, pois consegue reproduzir os modelos com precisão.

## **O processo de aprendizagem em outras concepções**

O mito de que o Behaviorismo considera que o processo de aprendizagem se dá baseado na relação estímulo-resposta é uma noção falha de alguns leigos em educação. O aprender está diretamente relacionado a relação entre o indivíduo e seu meio e como esse atua sobre ele. Falar em behaviorismo é falar de diversos tipos de behaviorismo, sendo os mais comuns o Behaviorismo Radical e o Interbehaviorismo. Essa noção leiga refere-se a linha teórica

ao Behaviorismo Metodológico, que não existe desde a década de 30.

## **O Papel da Memória na Aprendizagem**

Independente da escola de pensamento seguida, sabe-se que o indivíduo desde o nascimento, utilizando seu campo perceptual, vai ampliando seu repertório e construindo conceitos, em função do meio que o cerca.

Estes conceitos são regidos por mecanismos de memória onde as imagens dos sentidos são fixadas e lembradas por associação a cada nova experiência. Os efeitos da aprendizagem são retidos na memória, onde este processo é reversível até um certo tempo, pois depende do estímulo ou necessidade de fixação, podendo depois ser sucedido por uma mudança neural duradoura.

### **Memória de curto prazo**

A memória de curto prazo é reversível e temporária, acredita-se que decorra de um mecanismo fisiológico, por exemplo um impulso eletroquímico gerando um impulso sináptico, que pode manter vivo um traço da memória por um período de tempo limitado, isto é, depois de passado certo período, acredita-se que esta informação se desvanece. Logo a memória de curto prazo pouco importa para a aprendizagem.

### **Memória de longo prazo**

A memória permanente, ou memória de longo prazo, depende de transformações na estrutura química ou física dos neurônios.

Aparentemente as mudanças sinápticas têm uma importância primordial nos estímulos que levam aos mecanismos de lembranças como imagens, odores, sons, etc, que, avulsos parecem ter uma localização definida, parecendo ser de certa forma blocos desconexos, que ao serem ativados montam a lembrança do evento que é novamente sentida pelo indivíduo, como

por exemplo, a lembrança da confecção de um bolo pela avó pela associação da lembrança de um determinado odor.

## **As Influências e os Processos**

A aprendizagem é influenciada pela inteligência, motivação, e, segundo alguns teóricos, pela hereditariedade (existem controvérsias), onde o estímulo, o impulso, o reforço e a resposta são os elementos básicos para o processo de fixação das novas informações absorvidas e processadas pelo indivíduo.

O processo de aprendizagem é de suma importância para o estudo do comportamento. Alguns autores afirmam que certos processos neuróticos, ou neuroses, nada mais são que uma aprendizagem distorcida, e que a ação recomendada para algumas psicopatologias são um redirecionamento para a absorção da nova aprendizagem que substituirá a antiga, de forma a minimizar as sintomatizações que perturbam o indivíduo. Isto é, através da reaprendizagem (reeducação) ou da intervenção profissional através da Psicopedagogia. Reuven Feuerstein, autor da Teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, afirma que o ser humano pode «aprender» a ser inteligente.[13] Segundo ele, mesmo pessoas portadoras de deficiências e, consideradas incapazes de aprender podem desenvolver a capacidade para o aprendizado.

### **A motivação**

Aprende-se melhor e mais depressa se houver interesse pelo assunto que se está a estudar. Motivado, um indivíduo possui uma atitude ativa e empenhada no processo de aprendizagem e, por isso, aprende melhor. A relação entre a aprendizagem e a motivação é dinâmica: é frequente o Homem interessar-se por um assunto, empenhar-se, quando começa a aprender. A motivação pode ocorrer durante o processo de aprendizagem.

### **Os conhecimentos anteriores**

Os conhecimentos anteriores que um indivíduo possui sobre um assunto podem condicionar a aprendizagem. Há conhecimentos, aprendizagens prévias, que, se não tiverem

sido concretizadas, não permitem a possibilidade de se aprender. Uma nova aprendizagem só se concretiza quando o material novo se incorpora, se relaciona, com os conhecimentos e saberes que se possui.

### **A quantidade de informação**

A possibilidade de o Homem aprender novas informações é limitada: não é possível integrar grandes quantidades de informação ao mesmo tempo. É necessário proceder-se a uma seleção da informação relevante, organizando-a de modo a poder ser gerida em termos de aprendizagem.

### **A diversidade das atividades**

Quanto mais diversificadas forem as abordagens a um tema, quanto mais diferenciadas as tarefas, maior é a motivação e a concentração e melhor decorre a aprendizagem [14].

### **A planificação e a organização**

A forma como se aprende pode determinar, em grande parte, o que se aprende. A definição clara de objetivos, a seleção de estratégias, é essencial para uma aprendizagem bem sucedida. Contudo, isto não basta: é necessário planificar, organizar o trabalho por etapas, e ir avaliando os resultados. Para além de estes processos serem mais eficientes, a planificação e a organização promovem o controle dos processos de aprendizagem e, deste modo, a autonomia de cada ser humano.

### **A cooperação**

A forma como cada ser humano encara um problema e a forma como o soluciona é diferente. Por isso, determinados tipos de problemas são mais bem resolvidos e a aprendizagem é mais eficaz se existir trabalho de forma cooperativa com os outros. A aprendizagem cooperativa, ao implicar a interação e a ajuda mútua, possibilita a resolução de problemas complexos de forma mais eficaz e elaborada.

## Estilos de Aprendizagem

Cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias cognitivas que mobilizam o processo de aprendizagem. Em outras palavras, cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo. Embora haja discordâncias entre os estudiosos, estes são quatro categorias representativas dos estilos de aprendizagem:

- » Visual: aprendizagem centrada na visualização;
- » Auditiva: centrada na audição;
- » Leitura/escrita: aprendizagem através de textos;
- » Ativa: aprendizagem através do fazer;
- » Olfativa : através do cheiro pode possibilitar conhecimento já adquirido anteriormente, como o deitar de gases, são exemplos de uma aprendizagem olfativa.

### Aprendizagem Associativa

A associação é um tema que reside na observação de que o indivíduo percebe algo em seu meio pelas sensações, o resultado é a consciência de algo no mundo exterior que pode ser definida como ideia. Portanto, a associação leva às ideias, e para tal, é necessária a proximidade do objeto ou ocorrência no espaço e no tempo; deve haver uma similaridade; frequência de observação; além da proeminência e da atração da atenção aos objetos em questão. Estes objetos de estudo para a aprendizagem podem ser por exemplo uma alavanca que gera determinado impulso, que ao ser acionada gera o impulso tantas vezes quantas for acionada. A associação ocorre quando o indivíduo em questão acionar outra alavanca similar à primeira esperando o mesmo impulso da outra. O que levou ao indivíduo acionar a segunda alavanca, foi a ideia gerada através da associação entre os objetos (alavancas).

Um grupo liderado pelos pesquisadores Guthrie e Hull sustentava que as associações se davam entre estímulos e respostas, estes eram passíveis de observação.

A teoria da aprendizagem associativa, ou a capacidade que o indivíduo tem para associar um estímulo que antes parecia não ter importância a uma determinada resposta, ocor-



re pelo condicionamento, em que o reforço gera novas condutas.

Porém, as teorias de estímulo e resposta não mostraram os mecanismos da aprendizagem, pois não levaram em conta os processos interiores do indivíduo. (Há que se diferenciar aprendizagem de condicionamento).

Tolman, pesquisou que as associações através do estímulo geravam uma impressão sensorial subjetiva.

### **Aprendizagem Condicionada**

O reforçamento, é uma noção que provém da descoberta da possibilidade que é possível reforçar um padrão comportamental através de métodos onde são utilizadas as recompensas ou castigos.

É uma proposta para integrar alunos e professores durante a aprendizagem em sala de aula, de modo a possibilitar a construção de conhecimentos por meio das interações.

### **A aprendizagem reflexiva como estratégia para a formação profissional**

A melhoria da qualidade da prática docente, facilita o aprendizado de novos modos de ensino e expande estratégias de aprendizagem.

Na formação de Docentes é necessário ter em conta, como princípio básico, a atuação, tornando a sua prática para muito além dos meios tradicionais de ensino.

O princípio da aprendizagem reflexiva, considerada por alguns autores, trata da urgência em formar profissionais, que venham a espelhar a sua própria prática, na esperança de que a reflexão será um meio de desenvolvimento do pensamento e da ação.

A dificuldade em decifrar este conhecimento, reside no facto das ações serem

ativas, de forma diversificada em às teorias, que são mais estáticas. Desta forma, ao descrever o conhecimento empregue numa determinada ação, com o intuito de a compreender, o futuro docente, estará a praticar um processo de estrutura do seu saber.

### **Outras escolas de aprendizagem**

Atualmente, muitos profissionais da área educacional contestam a existência de uma validade universal na teoria da associação. Estes afirmam a importância de outros fatores na aprendizagem. Exemplo típico, são os educadores que seguem a linha gestaltista, estes defendem que os processos mais importantes da aprendizagem envolvem uma reestruturação das relações com o meio e não simplesmente uma associação das mesmas.

Existem também, os educadores que estudam os aspectos psicológicos da linguagem, ou psicolinguistas. Estes, por sua vez, sustentam que a aprendizagem de uma língua abrange um número de palavras e locuções muito grande para ser explicado pela teoria associativa.

Alguns pesquisadores afirmam que a aprendizagem linguística se baseia numa estrutura básica de organização elemento.

Outras correntes de pensamento afirmam que as teorias da aprendizagem incluem o papel da motivação além dos estágios da aprendizagem, os processos e a natureza da evocação, do esquecimento e da recuperação de informações ou memória.

Na pesquisa sobre a aprendizagem, ainda existem os conceitos não passíveis de quantificação, como os processos cognição/cognitivos, a imagem, a vontade e a consciencial-conscientização.

## Módulo 03

### Desenvolvimento e Aprendizagem

#### Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo

O indivíduo sofre, durante toda a sua vida, a influência dos agentes externos de natureza física e social. Esses agentes atuam sobre o seu organismo e sobre o seu espírito, estimulando suas capacidades e aptidões e promovendo o seu desenvolvimento físico e mental.

O processo para uma aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre os quais, os mais prementes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno.

A escola não pode mais ser considerada como uma simples máquina de alfabetização. Sua função não se restringe mais, como antigamente, à modesta tarefa de ensinar, sua tarefa é mais ampla e profunda, ou seja, deve levar o nosso aluno a ser mais crítico, mais comprometido e mais otimista em relação à aprendizagem.

Suas responsabilidades atuais são bem maiores. Além de instrumento de formação física, intelectual e moral, cabe-lhe a missão de promover a integração harmoniosa do educando no seio da comunidade, fornecendo-lhe todos os elementos para que se possa tornar um fator de progresso individual e social.

Assim, a aprendizagem é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo ensino aprendizagem.

## Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo

A aprendizagem é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde a mais tenra infância até a mais avançada velhice. Normalmente uma criança deve aprender a andar e a falar; depois a ler e escrever, aprendizagens básicas para atingir a cidadania e a participação ativa na sociedade. Já os adultos precisam aprender habilidades ligadas a algum tipo de trabalho que lhes forneça a satisfação das suas necessidades básicas, algo que lhes garanta o sustento. As pessoas idosas embora nossa sociedade seja reticente quanto às suas capacidades de aprendizagem podem continuar aprendendo coisas complexas como um novo idioma ou ainda cursar uma faculdade e virem a exercer uma nova profissão.

O desenvolvimento geral do indivíduo será resultado de suas potencialidades genéticas e, sobretudo, das habilidades aprendidas durante as várias fases da vida. A aprendizagem está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo.

As passagens pelos estágios da vida são marcadas por constante aprendizagem. “Vivendo e aprendendo”, diz a sabedoria popular. Assim, os indivíduos tendem a melhorar suas realizações nas tarefas que a vida lhes impõe. A aprendizagem permite ao sujeito compreender melhor as coisas que estão à sua volta, seus companheiros, a natureza e a si mesmo, capacitando-o a ajustar-se ao seu ambiente físico e social.

A teoria da instrução de Jerome Bruner (1991), um autêntico representante da abordagem cognitiva, traz contribuições significativas ao processo ensino-aprendizagem, principalmente à aprendizagem desenvolvida nas escolas. Sendo uma teoria cognitiva, apresenta a preocupação com os processos centrais do pensamento, como organização do conhecimento, processamento de informação, raciocínio e tomada de decisão. Considera a aprendizagem como um processo interno, mediado cognitivamente, mais do que como um produto direto do ambiente, de fatores externos ao aprendiz. Apresenta-se como o principal defensor do método de aprendizagem por descoberta (insight).

A teoria de Bruner apresenta muitos pontos semelhantes às teorias de Gestalt e de Piaget. Bruner considera a existência de estágios durante o desenvolvimento cognitivo e propõe

explicações similares às de Piaget, quanto ao processo de aprendizagem. Atribui importância ao modo como o material a ser aprendido é disposto, assim como Gestalt, valorizando o conceito de estrutura e arranjos de ideias. “Aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural da criança são princípios que devem ser observados pelo educador” (BRUNER, 1991, p. 122).

A escola não deve perder de vista que a aprendizagem de um novo conceito envolve a interação com o já aprendido. Portanto, as experiências e vivências que o aluno traz consigo favorecem novas aprendizagens. Bruner chama a atenção para o fato de que as matérias ou disciplinas tais como estão organizadas nos currículos, constituem-se muitas vezes divisões artificiais do saber. Por isso, várias disciplinas possuem princípios comuns sem que os alunos – e algumas vezes os próprios professores – analisem tal fato, tornando o ensino uma repetição sem sentido, em que apenas respondem a comandos

arbitrários, Bruner propõe o ensino pela descoberta. O método da descoberta não só ensina a criança a resolver problemas da vida prática, como também garante a ela uma compreensão da estrutura fundamental do conhecimento, possibilitando assim economia no uso da memória, e a transferência da aprendizagem no sentido mais amplo e total.

Segundo Bock (2001), a preocupação de Bruner é que a criança aprenda a aprender corretamente, ainda que “corretamente” assuma, na prática, sentidos diferentes para as diferentes faixas etárias. Para que se garanta uma aprendizagem correta, o ensino deverá assegurar a aquisição e permanência do aprendido (memorização), de forma a facilitar a aprendizagem subsequente (transferência). Este é um método não estruturado, portanto o professor deve estar preparado para lidar com perguntas e situações diversas. O professor deve conhecer a fundo os conteúdos a serem tratados. Deve estar apto a conhecer respostas corretas e reconhecer quando e porque as respostas alternativas estão erradas. Também necessita saber esperar que os alunos cheguem à descoberta, sem apressá-los, mas garantindo a execução de um programa mínimo. Deve também ter cuidado para não promover um clima competitivo que gere ansiedade e impeça alguns alunos de aprender.

O modelo de ensino e aprendizagem de David P. Ausubel (1980) caracteriza-se como um modelo cognitivo que apresenta peculiaridades bastante interessantes para os pro-

fessores, pois centraliza-se, primordialmente, no processo de aprendizagem tal como ocorre em sala de aula. Para Ausubel, aprendizagem significa organização e integração do material aprendido na estrutura cognitiva, estrutura esta na qual essa organização e integração se processam.

Psicólogos e educadores têm demonstrado uma crescente preocupação com o modo como o indivíduo aprende e, desde Piaget, questões do tipo: “Como surge o conhecer no ser humano? Como o ser humano aprende? O conhecimento na escola é diferente do conhecimento da vida diária? O que é mais fácil esquecer?” atravessaram as investigações científicas. Assim, deve interessar à escola saber como criança, adolescentes e adultos elaboram seu conhecer, haja vista que a aquisição do conhecimento é a questão fundamental da educação formal.

A psicologia cognitiva preocupa responder estas questões estudando o dinamismo da consciência. A aprendizagem é, portanto, a mudança que se preocupa com o eu interior ao passar de um estado inicial a um estado final. Implica normalmente uma interação do indivíduo com o meio, captando e processando os estímulos selecionados.

O ato de ensinar envolve sempre uma compreensão bem mais abrangente do que o espaço restrito do professor na sala de aula ou às atividades desenvolvidas pelos alunos. Tanto o professor quanto o aluno e a escola encontram-se em contextos mais globais que interferem no processo educativo e precisam ser levados em consideração na elaboração e execução do ensino.

Ensinar algo a alguém requer, sempre, duas coisas: uma visão de mundo (incluindo aqui os conteúdos da aprendizagem) e planejamento das ações (entendido como um processo de racionalização do ensino). A prática de planejamento do ensino tem sido questionada quanto a sua validade como instrumento de melhoria qualitativa no processo de ensino como o trabalho do professor:

[...] a vivência do cotidiano escolar nos tem evidenciado situações bastante questionáveis neste sentido. Percebe-se, de início, que os objetivos educacionais propostos nos currículos dos cursos apresentam confusos e desvinculados da realidade social. Os conteúdos a serem trabalhados, por sua vez, são definidos de forma autoritária, pois os professores, via regra, não participam dessa tarefa. Nessas condições, tendem a mostrar-se sem elos significati-

vos com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades (Lopes, 2000, p. 41).

De modo geral, no meio escolar, quando se faz referência a planejamento do ensino – aprendizagem, este se reduz ao processo através do qual são definidos os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos, a sistemática de avaliação da aprendizagem, bem como a bibliografia básica a ser consultada no decorrer de um curso, série ou disciplina de estudo. Com efeito, este é o padrão de planejamento adotado pela maioria dos professores e que passou a ser valorizado apenas em sua dimensão técnica.

Em nosso entendimento a escola faz parte de um contexto que engloba a sociedade, sua organização, sua estrutura, sua cultura e sua história. Desse modo, qualquer projeto de ensino – aprendizagem está ligado a este contexto e ao modo de cultura que orienta um modelo de homem e de mulher que pretendemos formar, para responder aos desafios desta sociedade. Por esta razão, pensamos que é de fundamental importância que os professores saibam que tipo de ser humano pretendem formar para esta sociedade, pois disto depende, em grande parte, as escolhas que fazemos pelos conteúdos que ensinamos, pela metodologia que optamos e pelas atitudes que assumimos diante dos alunos. De certo modo esta visão limitada ou potencializada o processo ensino-aprendizagem não depende das políticas públicas em curso, mas do projeto de formação cultural que possui o corpo docente e seu compromisso com objeto de estudo.

Como o ato pedagógico de ensino-aprendizagem constitui-se, ao longo prazo, num projeto de formação humana, propomos que esta formação seja orientada por um processo de autonomia que ocorra pela produção autônoma do conhecimento, como forma de promover a democratização dos saberes e como modo de elaborar a crítica da realidade existente.

Isto quer dizer que só há crítica se houver produção autônoma do conhecimento elaborado através de uma prática efetiva da pesquisa. Entendemos que é pela prática da pesquisa que exercitamos a reflexão sobre a realidade como forma de sistematizar metodologicamente nosso olhar sobre o mundo para podermos agir sobre os problemas. Isto quer dizer que não pesquisamos por pesquisar e nem refletimos por refletir. Tanto a reflexão quanto à pesquisa são meios pelos quais podemos agir como sujeitos transformadores da realidade social. Isto indica que nosso trabalho, como professores, é o de ensinar a aprender para que o conhecimento construído pela aprendizagem seja um poderoso instrumento de combate às formas de injustiças

que se reproduzem no interior da sociedade.

Piaget (1969), foi quem mais contribuiu para compreendermos melhor o processo em que se vivencia a construção do conhecimento no indivíduo.

Apresentamos as ideias básicas de Piaget (1969, p.14) sobre o desenvolvimento mental e sobre o processo de construção do conhecimento, que são adaptação, assimilação e acomodação.

Piaget diz que o indivíduo está constantemente interagindo com o meio ambiente. Dessa interação resulta uma mudança contínua, que chamamos de adaptação. Com sentido análogo ao da Biologia, emprega a palavra adaptação para designar o processo que ocasiona uma mudança contínua no indivíduo, decorrente de sua constante interação com o meio.

Esse ciclo adaptativo é constituído por dois subprocessos: assimilação e acomodação. A assimilação está relacionada à apropriação de conhecimentos e habilidade. O processo de assimilação é um dos conceitos fundamentais da teoria da instrução e do ensino. Permite-nos entender que o ato de aprender é um ato de conhecimento pelo qual assimilamos mentalmente os fatos, fenômenos e relações do mundo, da natureza e da sociedade, através do estudo das matérias de ensino. Nesse sentido, podemos dizer que a aprendizagem é uma relação cognitiva entre o sujeito e os objetos de conhecimento.

A acomodação é que ajuda na reorganização e na modificação dos esquemas assimilatórios anteriores do indivíduo para ajustá-los a cada nova experiência, acomodando-as às estruturas mentais já existentes. Portanto, a adaptação é o equilíbrio entre assimilação e acomodação, e acarreta uma mudança no indivíduo.

A inteligência desempenha uma função adaptativa, pois é através dela que o indivíduo coleta as informações do meio e as reorganiza, de forma a compreender melhor a realidade em que vive, nela agi, transformando. Para Piaget (1969, p.38), a inteligência é adaptação na sua forma mais elevada, isto é, o desenvolvimento mental, em sua organização progressiva, é uma forma de adaptação sempre mais precisa à realidade. É preciso ter sempre em mente que



Piaget usa a palavra adaptação no sentido em que é usado pela Biologia, ou seja, uma modificação que ocorre no indivíduo em decorrência de sua interação com o meio.

Portanto, é no processo de construção do conhecimento e na aquisição de saberes que devemos fazer com que o aluno da EJA seja motivado a desenvolver sua aprendizagem e ao mesmo tempo superar as dificuldades que sentem em assimilar o conhecimento adquirido.



## Módulo 04

# A Relação Entre a Psicologia, Aprendizagem e a Educação

## Psicologia Educacional

Psicologia educacional ou psicologia da educação é o ramo da psicologia que estuda o processo de ensino/aprendizagem em diversas vertentes: os mecanismos de aprendizagem nas crianças e adultos (o que está estreitamente relacionado com a psicologia do desenvolvimento); a eficiência e eficácia das táticas e estratégias educacionais; bem como o estudo do funcionamento da própria instituição escolar enquanto organização (onde se cruza com a psicologia social). Os psicólogos educacionais desenvolvem o seu trabalho em conjunto com os educadores de forma a tornar o processo de aprendizagem mais efetivo e significativo para o educando, principalmente no que diz respeito à motivação e às dificuldades de aprendizagem. Focam a sua ação não apenas nas necessidades da criança na escola como, também, em outras áreas onde as experiências escolares têm impacto. Alguns psicólogos escolares centram o seu trabalho no desenvolvimento das capacidades e necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, como no caso da Desordem por défice de atenção com hiperatividade, problemas emocionais ou problemas comportamentais.

Apesar de serem muitas vezes utilizados como sinônimos, os termos psicologia educacional e psicologia escolar não são sinônimos. Enquanto psicologia educacional se refere à pesquisa teórica, sendo assim mais abrangente, a psicologia escolar assim como a psicopedagogia são subdisciplinas aplicadas .[1]

É dado o nome de Psicologia da Educação ao segmento de estudos e pesquisas que visam descrever os processos psicológicos presentes na educação. Teóricos como Sigmund Freud, Jean Piaget, Burrhus Frederic Skinner, Carl Rogers, Lev Vygotsky e Alexander Luria, são tidos como precursores dos estudos em Psicologia da Educação. São referenciais comuns aos cursos de Pedagogia, Normal Superior e demais licenciaturas, representando, cada um, vertentes do pensamento psicológico educacional. É comum na Psicologia da Educação referir-se à educação da criança e do adolescente, mas também à educação do adulto (Pedagogia e Andragogia).

## **Áreas de Atuação do Psicopedagogo**

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir. Numa linha preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola. Na sua função preventiva, cabe ao psicopedagogo detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca; promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos; realizar processo de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo. Numa linha terapêutica, o psicopedagogo trata das dificuldades de aprendizagem, diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, estabelecendo contato com outros profissionais das áreas psicológica, psicomotora, fonoaudiologia e educacional, pois tais dificuldades são multifatoriais em sua origem e, muitas vezes, no seu tratamento. Esse profissional deve ser um mediador em todo esse processo, indo além da simples junção dos conhecimentos da psicologia e da pedagogia. O psicopedagogo pode atuar tanto na Saúde como na Educação, já que o seu saber visa compreender as variadas dimensões da aprendizagem humana. Da mesma forma, pode trabalhar com crianças hospitalizadas e seu processo de aprendizagem em parceria com a equipe multidisciplinar da instituição hospitalar, tais como psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos. No campo empresarial, o psicopedagogo pode contribuir com as relações, ou seja, com a melhoria da qualidade das relações inter e intrapessoais dos indivíduos que trabalham na empresa.

### **Psicologia Escolar**

Os psicólogos educacionais desenvolvem o seu trabalho em conjunto com os educadores de forma a tornar o processo de aprendizagem mais efetivo e significativo para o educando, principalmente no que diz respeito à motivação e às dificuldades de aprendizagem. Focam a sua ação não apenas nas necessidades da criança na escola como, também, noutras áreas onde as experiências escolares têm impacto. Alguns psicólogos escolares centram o seu trabalho no desenvolvimento das capacidades e necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, como no caso da Desordem por défict de atenção com hiperatividade,

problemas emocionais ou problemas comportamentais. O fato de uma instituição escolar ter em seu quadro um psicopedagogo institucional contratado, não invalida ou, não substitui as tarefas que só podem ser executadas por um assessor, ou seja, alguém que vem de fora, vê de fora, pontua, revela, identifica o latente naquilo que está manifesto.

“A psicopedagogia trabalha e estuda a aprendizagem, o sujeito que aprende aquilo que ele está apontando como a escola em seu conteúdo sociocultural. É uma área das Ciências Humanas que se dedica ao estudo dos processos de aprendizagem. Podemos hoje afirmar que a Psicopedagogia é um espaço transdisciplinar, pois se constitui a partir de uma nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem e, dentro desta perspectiva, das suas deficiências.”(Nívea M. C. Fabrício).

## **Função do Psicopedagogo na Instituição**

A Psicopedagogia vem atuando com muito sucesso nas diversas Instituições, sejam escolas, hospitais e empresas. Weiss (1992) explica que em relação à instituição, “Seu papel é analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e ajuda o desenvolvimento dos projetos favoráveis a mudanças, também psicoprofilaticamente”. (Weiss, 1992, p.4)

A aprendizagem deve ser olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade.

Na Argentina e na França (Pólos Culturais), este trabalho já vem sendo desenvolvido há anos, tendo o psicopedagogo papel indispensável nas equipes multidisciplinares destas instituições. Inspirando-nos em Rivière (1994), um dos que se preocuparam com a questão «GRUPO», verifica-se a importância de se trabalhar estas instituições: “A aprendizagem é uma apropriação instrumental da realidade para transformar-se e transformá-la. Essa apropriação possibilita uma intervenção que gera mudanças em si, e no contexto que se dá. Caracteriza-se também, por ser uma adaptação ativa, constante na realidade. Implica, portanto, em estruturação, desestruturação e reestruturação. Isso gera tensão a qual necessita não apenas ser

descarregada, mas revitalizada, renovada, enriquecida”. (1994, p.45)

Partindo da Teoria do Vínculo de Pichon-Rivière, a investigação deveria se dar em três dimensões: individual, grupal, institucional ou sociedade, que nos permitiria três tipos de análise:

- » Psicossocial - que parte do indivíduo para fora;
- » Sociodinâmica - que analisa o grupo como estrutura;
- » Institucional - que toma todo um grupo, toda uma instituição ou todo um país como objeto de investigação.

O trabalho do psicopedagogo se dá numa situação de relação entre pessoas. Não é uma relação qualquer, mas um encontro entre educador e educando, em que o psicopedagogo precisa assumir sua função de educador, numa postura que se traduz em interesse pessoal e humano, que permite o desabrochar das energias criadoras, trazendo de dentro do educando capacidades e possibilidades muitas vezes desconhecidas dele mesmo e incentivando-o a procurar seu próprio caminho e a caminhar com seus próprios pés, este é o objetivo deste profissional.

Para Weiss, “a Psicopedagogia na escola desenvolve um trabalho em que se busca a melhoria das relações com a aprendizagem”(1992,p.6). A autora ainda explica que a qualidade na construção da aprendizagem de alunos e educadores também é parte do trabalho da psicopedagogia.

Weiss (1992), afirma que o papel da Psicopedagogia na escola não deve ser encarado como recurso para evitar o fracasso escolar, nem mesmo para melhorar o rendimento dos alunos, pois estes fatos implicam outros aspectos como alunos, professores, técnicos e equipe de apoio refletirem e buscarem um denominador comum em relação à aprendizagem. O trabalho do psicopedagogo possibilita a reflexão, a adoção de medidas e mudanças de atitudes sobre diferentes caminhos existentes na produção do conhecimento em diferentes formas e níveis.

## Freud e Educação

A psicanálise surge com Freud como possibilidade de compreender o fenômeno educativo através da noção de inconsciente, oferecendo as bases para pensar em uma educação que vise diminuir os efeitos patogênicos da repressão e oferecer um modo de profilaxia às neuroses. «Freud acreditava inicialmente que um dos meios para evitar o aparecimento de sintomas neuróticos seria oferecer uma educação não-repressiva que respondesse aos questionamentos da criança à medida que eles fossem surgindo. Ele também percebia como os sintomas neuróticos poderiam resultar em certa inibição intelectual. É inquestionável que a pura liberdade não educa e não cria indivíduos saudáveis; pelo contrário, cria inadaptados, narcísicos que acreditam que o mundo gira à sua volta e que nada existe além de suas necessidades individuais.» (SOUZA, 2003, p.144) Neste sistema de pensamento, pode-se compreender que a educação não ocorre sem estar vinculada à repressão; que a educação relaciona-se com a questão do controle dos impulsos através do processo civilizatório.

## Piaget e Educação

Jean Piaget, com o construtivismo, formula a ideia de que o conhecimento é resultado do processo de interação entre o sujeito e o ambiente circundante. Ele dedicou-se a pesquisas que resultaram na criação da Epistemologia Genética. «(...) Para explicar a interação construtiva da criança com o ambiente, utilizou os conceitos de assimilação, acomodação e adaptação. A assimilação é a incorporação de um novo objeto ou ideia à que existia anteriormente, ou seja, ao esquema que a criança possui. A acomodação implica na transformação do organismo para poder lidar com o ambiente; diante de um objeto ou nova ideia a criança modifica e aprimora esquemas adquiridos anteriormente. A adaptação representa a maneira pela qual o organismo estabelece um equilíbrio entre assimilação e acomodação, adaptando-se continuamente às imposições feitas pelo ambiente mas também sendo um sujeito ativo e modificando este mesmo ambiente.»

## Teorias

Os psicólogos educacionais desenvolvem e aplicam diversas teorias de ensino e aprendizagem que pretendem explicar como se processa a aprendizagem. Estas teorias baseiam-se em princípios diversos: científicos, mas também éticos e filosóficos. Entre as teorias mais referidas e aceites encontramos:

### Cognitivismo (psicologia)

Em psicologia, cognitivismo é uma abordagem teórica para o entendimento da mente. O movimento foi uma resposta ao behaviorismo, que, segundo os cognitivistas, negligencia a cognição. A psicologia cognitiva deriva seu nome do latim *cognoscere* («conhecer») e é, em parte, derivada de antigas tradições de investigação acerca do pensamento e de processos de resolução de problemas.[1][2] Os behavioristas reconhecem a existência do pensamento mas este é identificado como um comportamento. Os cognitivistas argumentam que o modo como as pessoas pensam tem impactos sobre seu comportamento; portanto, o modo de pensar não pode ser um comportamento em si. Posteriormente, os cognitivistas defenderam que o pensamento é tão essencial à psicologia que o estudo do pensamento seria o seu próprio campo de estudo.[2]

Para entender a mente, a abordagem cognitivista emprega métodos quantitativos, positivistas e científicos que descrevem as funções mentais como modelos de processamento de informação. Também incorpora elementos da teoria dos sistemas, das ciências da computação, da cibernética, da teoria da informação e da robótica. Todas essas novas abordagens e avanços tecnológicos, além da insatisfação com o behaviorismo, impulsionaram o surgimento do cognitivismo e sua abordagem do processamento da informação. Os psicólogos cognitivistas que adotam essa abordagem geralmente analisam a maneira como as pessoas solucionam difíceis tarefas mentais e constroem modelos para essas explicações. Esses modelos podem tomar a forma de programas de computador, de gráficos ou outras esquematizações do fluxo de processamento cognitivo durante a realização de tarefas. [3]

## Psicanálise

Psicanálise é um campo clínico e de investigação teórica da psique humana independente da Psicologia, que tem origem na Medicina [1][2], desenvolvido por Sigmund Freud, médico que se formou em 1881, trabalhou no Hospital Geral de Viena e teve contato com o neurologista francês Jean Martin Charcot, que lhe mostrou o uso da hipnose.

Freud, médico neurologista austríaco, propôs este método para a compreensão e análise do homem, compreendido enquanto sujeito do inconsciente, abrangendo três áreas:

- » um método de investigação do psiquismo e seu funcionamento;
- » um sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano;
- » um método de tratamento caracterizado pela aplicação da técnica da Associação Livre[3]

Essencialmente é uma teoria da personalidade e um procedimento de psicoterapia; a psicanálise influenciou muitas outras correntes de pensamento e disciplinas das ciências humanas, gerando uma base teórica para uma forma de compreensão da ética, da moralidade e da cultura humana.[4]

Em linguagem comum, o termo «psicanálise» é muitas vezes usado como sinônimo de «psicoterapia» ou mesmo de «psicologia». Em linguagem mais própria, no entanto, psicologia refere-se à ciência que estuda o comportamento e os processos mentais, psicoterapia ao uso clínico do conhecimento obtido por ela, ou seja, ao trabalho terapêutico baseado no corpo teórico da psicologia como um todo, e psicanálise refere-se à forma de psicoterapia baseada nas teorias oriundas do trabalho de Sigmund Freud; psicanálise é, assim, um termo mais específico, sendo uma entre muitas outras formas de psicoterapia, no entanto a psicanálise não é uma ciência, sendo na melhor das hipóteses apenas uma prática médica[5].



## **Construtivismo**

Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia e arte.

As teses comuns à maioria dessas abordagens (à exceção do construtivismo social) são relativas à questão da origem do conhecimento: a rejeição ao objetivismo de matiz empirista e a adoção do sentido kantiano da metáfora da construção.

Caracteriza-se de forma negativa pela rejeição ao objetivismo pois defende que o objeto não determina completamente em um sujeito supostamente passivo as representações que este tem dele. Caracteriza-se de forma positiva pela defesa de duas teses kantianas: a que as representações (intuições sensíveis) que temos da realidade são condicionadas pela estrutura de nossa mente e construídas automaticamente por ela; e a que as hipóteses que construímos sobre como o objeto funciona podem ser alteradas e substituídas voluntariamente quando falham em suas predições do que receberemos pelos sentidos.

Construtivismo não deve ser confundido com construcionismo, pois o último na verdade rejeita tanto o conceito de sujeito construtor quanto o realismo.

## **Cognitivismo social**

Cognitivismo social é o estudo do ser humano no seu pensamento e ação social.

## **Psicologia do desenvolvimento**

Psicologia do desenvolvimento é o estudo científico das mudanças de comportamento relacionadas à idade durante a vida de uma pessoa. Este campo examina mudanças através de uma ampla variedade de tópicos, incluindo habilidades motoras, habilidades

em solução de problemas, entendimento conceitual, aquisição de linguagem, entendimento da moral e formação da identidade.

O estudo científico do desenvolvimento humano evoluiu de estudos sobre a infância para estudos sobre todos os períodos da vida. O estudo do desenvolvimento humano procura descrever, explicar, prever e modificar o comportamento.

Os cientistas do desenvolvimento estudam as mudanças quantitativas e qualitativas e a estabilidade nos domínios físico, cognitivo e psicossocial. O desenvolvimento está sujeito a influências internas e externas, tanto normativas como não normativas. Importantes influências contextuais sobre o desenvolvimento incluem a família, o bairro, a condição socioeconômica, a etnicidade e a cultura.

As perspectivas teóricas sobre o desenvolvimento humano diferem em três aspectos básicos: a importância relativa da hereditariedade e do ambiente, se o desenvolvimento é ativo ou passivo e se ele é contínuo, ou ocorre em estágios.

As teorias do desenvolvimento enquadram-se nas perspectivas psicanalítica, humanista, da aprendizagem, cognitiva, etológica e contextual.

Os cientistas utilizam uma variedade de métodos de pesquisa para estudar o desenvolvimento. Os métodos básicos de coleta de dados incluem relatos pessoais, testes e observação. Os modelos básicos de pesquisa incluem os estudos de caso, os estudos etnográficos, os estudos correlacionais e os experimentos. Os modelos mais comuns de pesquisa sobre desenvolvimento são longitudinais e transversais.

### **Behaviorismo**

Behaviorismo (do inglês Behavior = Comportamento) é o conjunto de abordagens, nascidas nos séculos XIX e XX, que propõe o comportamento como objeto de estudo da psicologia. Alguns consideram John B. Watson (1878-1958) o fundador do Behaviorismo por conta de seu manifesto, de 1913, no qual afirma: «A psicologia, como um behaviorista à vê, é

um ramo puramente objetivo da Ciência Natural. Seu objetivo teórico é a previsão e o controle do comportamento. A introspecção não é parte essencial de seu métodos [...] o behaviorista, em seus esforços para conseguir um esquema unitário das respostas animais, não reconhece uma linha divisória entre homem e besta.» (1913, p. 1, colchetes adicionados). Watson defendia o abandono da terminologia mentalista da «psicologia da consciência» de seu tempo. A rejeição da introspecção como método essencial e a rejeição da «psicologia da consciência» de seu tempo não significou uma rejeição ao estudo comportamental de pensamentos, sentimentos e emoções, como demonstra, por exemplo, o interesse de Watson sobre o tratamento de medo por meio do condicionamento clássico.

Em 1945, B. F. Skinner (1904-1990) descreveu como comportamentos operantes envolvendo eventos privados - como «emocionar-se», «pensar silencioso» e «falar sobre sentir dor» - estavam originalmente e persistentemente relacionados a comportamentos envolvendo eventos públicos e diretamente manipuláveis, o que se tornaria um aspecto definidor da filosofia da ciência do comportamento por ele proposta, o Behaviorismo Radical[1]. Enquanto Watson investigou principalmente (mas não somente) processos comportamentais relacionados ao condicionamento clássico, Skinner investigou principalmente (mas não somente) processos comportamentais relacionados ao condicionamento operante.

Princípios comportamentais operantes e clássicos são utilizados em uma variedade de contextos aplicados, incluindo, por exemplo, o gerenciamento de comportamento organizacional, a indução da fala em pessoas com atraso no desenvolvimento, o tratamento de transtornos do espectro autista, abuso de substâncias, o tratamento de fobias, a confecção de anúncios publicitários, etc.

O comportamento é definido por meio de unidades analíticas, como respostas e estímulos, e investigado por meio de diferentes métodos, dentre os quais destacam-se:

- » a observação do comportamento em ambiente experimentalmente controlado,
- » a observação do comportamento em ambiente natural
- » a interpretação de relações comportamentais orientada por evidências empíricas.

Historicamente, a observação e descrição do comportamento público fizeram oposição ao uso do método de introspecção.

## Teoria da Modificabilidade de Cognitiva Estrutural

A teoria da modificabilidade cognitiva Estrutural (MCE), formulada pelo psicólogo israelense Reuven Feuerstein, baseia-se na premissa de que existe um potencial de aprendizagem a ser desenvolvido por qualquer sujeito, independentemente de sua idade ou origem étnica ou cultural.

De acordo com Feuerstein, a maioria de nós apresenta uma série de «funções cognitivas deficientes», ou seja, nossos processos mentais raramente operam em um nível ótimo de funcionamento. A partir de uma avaliação adequada, e com o auxílio de instrumentos concretos de apoio psicopedagógico, a maioria dos indivíduos torna-se então capaz de desenvolver essas potencialidades.



## Módulo 05

### A Contribuição da Psicologia Para o Processo Educacional

#### Desenvolvimento e a Aprendizagem na Etapa de 0 a 6 Anos 12

##### Introdução

Algum momento de nossa vida, uma relação próxima com crianças pequenas. Essa relação ocorre por motivos diversos e proporciona-nos diferentes níveis de conhecimento do mundo infantil. De toda maneira, provavelmente estaremos de acordo que, no decorrer do período que vai desde o nascimento até os seis anos, ocorrem mudanças evidentes, espetaculares, bastante visíveis, que nos permitem considerar que as crianças pequenas cada vez mais formam parte de nossa cultura e de nossa comunidade e que, a cada dia, vão-se tomando mais parecidas com as pessoas adultas.

O que provavelmente se tornaria mais difícil para a maioria das pessoas seria explicar por que e como ocorrem tais mudanças nas crianças pequenas; qual é o papel e a influência das pessoas adultas que as rodeiam; ou qual é o papel da herança nas capacidades que uma criança de seis anos manifesta.

Essas são algumas das questões que encontramos como objetos de estudo da psicologia evolutiva e da psicologia da educação; a seguir, faremos uma referência aos fatores que intervêm no desenvolvimento, sempre os abordando a partir de uma perspectiva construtivista. Organizamos o capítulo atendendo a critérios de utilidade para os leitores interessados sobre a intervenção nessa etapa.

Na primeira parte desta pesquisa bibliográfica, são apresentadas algumas questões a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem nos primeiros seis anos de vida.

A segunda parte, ocupa-se dos grandes marcos do desenvolvimento nas diversas áreas (motora, cognitiva, afetiva).

## **A Importância da Educação de 0 a 6 Anos**

As experiências vivenciadas de 0 a 6 anos de idade são fundamentais na formação do ser humano. É um fato que o que se aprende nessa fase pode deixar marcas para o resto da vida. Mas a verdade é que o atendimento educacional a essa faixa sempre primou pela improvisação.

Embora a Constituição de 1988 garanta a educação infantil, colocando-a como obrigação dos municípios, ao lado do ensino fundamental, só agora se atina para a importância de profissionalizá-la. Mas, se esse olhar mais atento não for acompanhado por ações efetivas de melhoria e qualificação de professores e estabelecimentos, continuaremos perdendo a chance preciosa de preparar milhões de crianças para uma infância mais sadia, educada dentro de princípios de respeito ao semelhante, ao meio-ambiente e a si mesma.

Há quatro décadas, com a inserção maior das mulheres no mercado de trabalho, a procura por creches e pré-escolas aumentou sensivelmente. Nestas, só no último ano, verificou-se aumento de 2,9 por cento de matrículas. São 4,2 milhões de crianças (2,8 milhões na rede municipal). Para detalhar melhor as necessidades dessa clientela em expansão, o MEC promete censo específico para a educação infantil no próximo ano. As diretrizes curriculares já foram lançadas e se reconhece a urgência de especializar os 204 mil professores que atuam nessa área, muitos absolutamente leigos.

Mas ainda não se nota um consenso geral de que se deve exigir a mesma qualidade na educação infantil quanto de qualquer outro nível de ensino. A bem da verdade, as próprias famílias costumam encarar as “escolinhas” apenas como locais onde podem deixar os filhos durante o dia.

Esse descompromisso em relação ao que se oferece às crianças pequenas não é privilégio brasileiro. Mesmo os países desenvolvidos, como os Estados Unidos, só agora acordam para a necessidade de mais atenção a essa faixa. Recentemente, a Associação Americana Para o Progresso da Ciência divulgou um estudo realizado por duas décadas com dois grupos, ambos de comunidades carentes – um deles formado por pessoas que receberam cuidados educacionais de alta qualidade desde o primeiro ano de vida.

Estas, como era de se esperar, tiveram mais sucesso na escola até o início da vida adulta. Com isso, os pesquisadores forneceram provas científicas de que a educação infantil favorece as conquistas educacionais. Resta convencer as autoridades a investirem nessa modalidade, para que não se desperdice a oportunidade de desenvolvimento oferecida pelos primeiros anos, ou meses de vida.

Levando em conta que é nas creches e pré-escolas que muitas crianças passam a maior parte do dia, é essencial que sejam atendidas por profissionais que lidem bem com todas as nuances da educação infantil, que saibam o que (e como) estimular numa criança em determinada idade. É preciso, sobretudo, chamar os pais à escola, fazê-los participar do processo, para que eduquem seus filhos com maior segurança e sintam sua responsabilidade dividida com gente que entende do riscado.

Sabe-se, por exemplo, que, aos três anos, a criança já tenta comer e se vestir sem ajuda, coopera em algumas tarefas e apreende o sentido de palavras estrangeiras. Aos quatro, espontaneamente se socializa. Aos cinco, assume responsabilidades, auxilia na arrumação da casa ou sala de aula e se torna curiosa pelo mundo à sua volta. Aos seis, toma conta de crianças menores, canta e conta histórias.

Em resumo, o que se espera de uma instituição de educação infantil é que, através das brincadeiras e situações do cotidiano, estimule o desenvolvimento geral do aluno: dos cinco sentidos, do raciocínio lógico, da capacidade de comunicação e de socialização com os colegas e adultos. É a fase certa para incentivar autoconfiança e criatividade, e passar uma noção de limites e respeito ao próximo. É a hora de ensinar-lhe a ajudar, cooperar e participar de um grupo. É o momento adequado para que aprenda a respeitar o meio-ambiente, através de regras bem simples como não maltratar animais, ou sempre jogar papéis usados na cesta de lixo.

Parece uma tarefa sem maiores segredos, mas nem todos os professores, por culpa de sua formação precária, sabem como fazer. Além disso, não são poucas as creches e pré-escolas de bairros pobres ou municípios distantes que sobrevivem como podem, às custas da boa vontade de pessoas cuja função se resume a olhar as crianças enquanto a mãe trabalha. Até que elas são jogadas na primeira série do ensino fundamental onde, muitas vezes, ficam retidas, por terem faltado os primeiros estímulos necessários à aprendizagem. Mas isso se tornará coisa

do passado assim que governo e sociedade se conscientizarem de que crianças não nascem aos sete anos de idade, e reconhecerem a educação infantil como a primeira, e fundamental, etapa da educação básica.

## **Desenvolvimento da Criança de 0 a 6 Anos**

Para poder avançar na explicação de uma determinada maneira de entender o desenvolvimento, convém esclarecer alguns conceitos que utilizamos seguidamente e que, às vezes, podem gerar confusões, se não forem utilizados da maneira como o leitor ou a leitora foi avisado para fazê-lo. São destacados três conceitos muito relacionados: maturação, desenvolvimento e aprendizagem.

Quando se fala de maturação, refere-se às mudanças que ocorrem ao longo da evolução dos indivíduos, as quais se fundamentam na variação da estrutura e da função das células. Assim, pode-se falar, por exemplo, de maturação do sistema nervoso central, mediante a qual são criadas as condições para que haja mais e melhores conexões nervosas que permitam uma resposta mais adaptada às necessidades crescentes do indivíduo. A maturação está estritamente ligada ao crescimento (que corresponderia basicamente às mudanças quantitativas: alongamento dos ossos, aumento de peso corporal, etc) e, portanto, aos aspectos biológicos, físicos, evolutivos das pessoas. Quando se trata de desenvolvimento, refere-se explicitamente à formação progressiva das funções propriamente humanas (linguagem, raciocínio, memória, atenção, estima).

Trata-se do processo mediante o qual se põem em andamento as potencialidades dos seres humanos. Consideramos que é um processo interminável, no qual se produz uma série de saltos qualitativos que leva.m de um estado de menos capacidade (mais dependência de outras pessoas, menos possibilidades de respostas, etc.) para um de maior capacidade (mais autonomia, mais possibilidades de resolução de problemas de diferentes tipos, mais capacidade de criar, etc.). Finalmente, tem-se o objetivo de destacar as características do conceito de aprendizagem.

Mediante os processos de aprendizagem, incorporamos novos conhecimentos, valores, habilidades que são próprias da cultura e da sociedade em que vivemos. As aprendizagens



que incorporamos fazem pessoas mudarem de condutas, de maneiras de agir, de maneiras de responder, e são produto da educação que outros indivíduos, da nossa sociedade, planejaram e organizaram, ou melhor, do contato menos planejado, não tão direto com as pessoas com quem nos relacionarmos.

A partir dessas definições, pode-se expor como as pessoas entendem que se desenvolvem os meninos e as meninas dessas idades e qual é o papel da escola na potencialização desse desenvolvimento.

De zero a seis anos, ocorre um processo de complexidade do ser humano que não se repetirá durante seu desenvolvimento. As crianças, quando nascem, necessitam de cuidados mínimos e de atenção não muito complexa (comer e dormir certas horas e receber atenção às demandas a que o recém-nascido começa a fazer).

À medida que vão crescendo, aumenta a complexidade de suas demandas (choram porque têm vontade ou mal-estar, ou não querem estar sozinhas, ou querem estar com uma outra pessoa, etc.) e também aumenta sua capacidade de resposta (começam a ter critérios próprios em alguns aspectos e, portanto, mediante o uso de linguagem podem pedir o que querem). Também se tornam mais complexas as realidades em que vivem essas crianças: passam do âmbito relacional reduzido ao estabelecimento de relações com pessoas mais alheias e desconhecidas, a ter necessidade de valer-se por si mesmas, de garantir-se sem a presença constante das pessoas mais próximas.

A complexidade é consubstancial ao processo de desenvolvimento dos seres humanos. Esse desenvolvimento é caracterizado pelo seu caráter único com relação às outras espécies vivas: o ser humano é o único ser vivo que pode planejar sua ação, pôr em andamento uma atividade psíquica que lhe permita realizar ações criadoras. Também é necessário destacar que a diversidade é uma característica do ser humano, pois todas as pessoas são diferentes em suas particularidades físicas e psíquicas: cada uma recebe, por meio de herança, determinadas características físicas e determinadas potencialidades, que se desenvolvem em um determinado ambiente. Tudo isso exige-nos a necessidade de falar simultaneamente das características de unicidade e de diversidade do ser humano.

Quando uma criança nasce, recebe de seu pai e de sua mãe uma informação genética que lhe permite fazer parte da espécie humana: traços morfológicos, um sexo definido, algumas capacidades de desenvolvimento que estão inscritas em determinada constituição do cérebro e um calendário de maturação. Todos os recém-nascidos têm duas pernas, dois braços, traços faciais de seres humanos e um sexo determinado. Esses são os traços característicos que externamente o identificam como um ser humano.

Também nascem com um cérebro, que está preparado para crescer e desenvolver-se de modo espetacular. A informação que o cérebro contém é caracterizada pelo fato de que marca todas as possibilidades de desenvolvimento que tem o ser humano, mas não impõe limitações. Assim, por exemplo, o cérebro contém todas as informações para que uma criança possa falar, porém não determina em que língua o fará, nem o grau de aquisição que atingirá. Isso dependerá do contexto lingüístico em que essa criança passe a conviver e a mover-se, do grau de correção de linguagem que se fala em sua volta e de suas experiências para utilizar a linguagem com diferentes finalidades. Nosso código genético contém uma informação que denominamos de calendário de maturação.

Com esse conceito, pode-se referir a uma série de informações geneticamente estabelecidas por meio das quais se sabe que os seres humanos passam por uma sequência de desenvolvimento que sempre é igual para todos (caminhar aproximadamente ao final do primeiro ano de vida, falar aos dois anos, etc.) e que, em seus traços característicos básicos, não se realizam com grandes variações (por exemplo, uma criança não poderá caminhar aos seis meses, porque nessa idade ainda não tem um desenvolvimento motor que lhe permite fazê-la; consegue somente permanecer sentada). Essa sequência determina que coisas são possíveis em diferentes momentos.

Esse calendário de maturação é especialmente indicativo das possibilidades e da sequência de desenvolvimento nos dois primeiros anos de vida, já que está muito relacionado a uma maturação neurológica essencial. Depois disso, as aquisições estarão marcadas por outros aspectos, como a estimulação e a ajuda recebidas do exterior.

A compreensão da influência hereditária no desenvolvimento do ser humano está bem esclarecida na diferenciação, apresentada por F. Jacob e registrada em Palácios (1979), entre

a parte aberta e a parte fechada do código genético. A parte fechada do código genético é aquela que impõe uma determinada informação genética que será necessariamente cumprida. Trata-se da informação genética que estabelece um ciclo de vida determinado para os seres humanos, alguns reflexos no momento do nascimento, algumas características genéticas determinadas.

A parte aberta do código genético, ao contrário, estabelece um conjunto de potencialidades que não se desenvolvem totalmente sem influência do meio, sem a estimulação das pessoas com as quais convivem. Trata-se, por exemplo, das possibilidades de utilização da linguagem, das capacidades de estabelecimento de vínculos emocionais e da resolução de problemas. Em cada uma dessas funções e capacidades, há um predomínio específico da parte aberta ou da parte fechada do código genético. Assim, é esse grau de predominância do código que explica as diferenças entre umas e outras capacidades infantis.

Por exemplo, podemos constatar que, em relação ao desenvolvimento das capacidades motrizes, todos os meninos e as meninas conseguem caminhar concretamente por volta do primeiro ano, sem necessidade de que se faça uma estimulação específica nesse sentido, uma vez que essas capacidades estão fortemente moduladas pela parte fechada do código genético. Por outro lado, é difícil que todas as crianças consigam um desenvolvimento da linguagem em toda a sua amplitude sem estimulação do meio que permite a sua utilização em todas as suas funções e usos, já que a linguagem está regulada pela parte aberta do código genético.

Assim, constata-se que a herança recebida dá-nos uma série de possibilidades e indica-nos em que momento aproximado estará disponível. O grau de aquisição e as características de tal aquisição dependerão das inter-relações que a criança faz em experimentações com as pessoas de seu convívio. Podemos destacar que, no decorrer do primeiro ano, os bebês têm a capacidade de começar a estabelecer fortes vínculos com as pessoas que os cuidam. O fato de estabelecerem ou não esses vínculos, que lhes proporcionam segurança ou que constituem vínculos instáveis e inseguros, dependerá das características das relações que o bebê vai tecendo durante seu primeiro ano de vida.

O desenvolvimento da espécie humana é, portanto, o resultado de uma interação entre o programa de maturação (inscrito geneticamente) e a estimulação social e pessoal que

a criança recebe das pessoas que a cuidam. Logo, entende-se que os aspectos psicológicos de desenvolvimento não estão predeterminados, mas que são adquiridos mediante a interação com o meio físico e social que envolve as crianças desde o seu nascimento.

Para entender as aquisições que os meninos e as meninas podem fazer no decorrer dos anos da educação infantil, convém definir como consideramos o processo de aprendizagem das crianças e, também, as relações que se pode descascar entre a aprendizagem e o desenvolvimento.

Nessas idades, sobretudo na fase da creche, considera-se, muitas vezes, que os meninos e as meninas não podem aprender, se não tiverem desenvolvido previamente algumas características consideradas imprescindíveis. Um dos exemplos mais típicos e conhecidos nas escolas é o fato de dizer que as crianças de quatro ou cinco anos não se pode ensinar os numerais, porque elas não têm a noção e o conceito de número corretamente estabelecido. Isso ilustra claramente a tendência em subordinar a aprendizagem ao desenvolvimento, no sentido de entender que primeiro se desenvolve uma série de capacidades cognitivas e depois se pode iniciar o ensino de conceitos que envolvam tais capacidades.

O fato de que a escola estabelece esse tipo de decisões está diretamente relacionado com o que a psicologia diz em relação a esses aspectos. Nesse sentido, destacamos que algumas das abordagens fundamentais feitas pela psicologia genética de Jean Piaget estão rigidamente aplicadas na escola e, então, ocorrem comportamentos práticos educativos discutíveis como promotores de uma boa aprendizagem.

A perspectiva que Vygotsky (1984) abordou em relação à aprendizagem escolar é fundamental para que se possa raciocinar e entender qual é a natureza da aprendizagem e do ensino escolar e sobre que relações seria conveniente estabelecer o desenvolvimento da criança. Segundo o psicólogo russo, para que possa haver desenvolvimento é necessário que se produza uma série de aprendizagens, as quais, de certo modo, são condições prévias. Assim, voltando ao exemplo que apresentamos antes, é necessária uma série de aprendizagens em relação a situações de contar, de lembrar, recordar a seriação numérica, experiências contatos com coisas possíveis de contar e outras incontáveis. etc., para a criança poder chegar a conceitualizar a noção de um nome, como a inclusão de todos os outros (o cinco incluiu o quatro, o três. o

dois, o um), independentemente de questões perspectivas (a disposição espacial dos objetos não influencia a quantidade).

A partir disso, entende-se que a maturação por si só não seria capaz de produzir as funções psicológicas próprias dos seres humanos: é a aprendizagem na interação com outras pessoas que nos dá a possibilidade de avançar em nosso desenvolvimento psicológico. Esses processos de interação com outras pessoas permitem o estabelecimento das funções psicológicas superiores. Assim, as crianças, começam a utilizar a linguagem como um veículo de comunicação, controle e regulação das ações das outras pessoas, e somente depois de tê-la utilizado interagindo com as outras pessoas é que a linguagem converte-se em um instrumento idôneo para planejar a ação, ou melhor, a linguagem transforma-se em pensamento.

Começamos, então, a delinear a importância fundamental que têm as pessoas mais capazes da espécie no processo de desenvolvimento das crianças e, as mães, os pais, os professores de educação infantil e também os meninos e as meninas mais velhas. A criança pequena, quando atua juntamente com uma pessoa mais capaz, pode chegar a fazer algumas coisas que não consegue fazer em um momento em que esteja sozinha.

Assim, por exemplo, um menino de um ano pode colocar uma peça em cima da outra e fazer uma torre somente se a pessoa mais capaz do que ela acompanhar sua mão. Ou, então, uma menina de dois anos poderá contar os dois pedaços de carne que tem para comer, se a pessoa mais capaz ajudar-lhe, contando com ela. Ou, ainda, um menino de três anos poderá pôr a mesa, na escola, se sua professora disser como deve proceder.

Também um menino de quatro anos poderá reconhecer o seu nome, quando vê a professora escrevê-la. Uma menina de cinco anos poderá explicar um conto literário, se a professora, a mãe ou o pai derem a ela diferentes pistas que a ajudem a ordenar os dados. As crianças poderão realizar todas essas atividades sozinhas, mais adiante, sem prescindir da ajuda de outra pessoa mais capaz ou de um adulto para indicar os processos, como apresentado nos exemplos anteriores. Nesses processos, as crianças pequenas interiorizam os objetivos, os procedimentos e as regulações que vão compartilhando com a outra pessoa mais capaz, o que as tornam capazes de fazê-lo automaticamente.

A partir desses exemplos, podemos dizer que tudo o que a criança pequena sabe fazer com a ajuda, a orientação e a colaboração de pessoas mais capazes é o que Vygotsky denomina nível de desenvolvimento potencial. Aquilo que a criança pequena já é capaz de fazer sozinha no mesmo momento pode ser considerado o nível de desenvolvimento efetivo. Aquilo que a criança pequena sabe trazer com a ajuda de outras pessoas mais capazes e não sozinha, Vygotsky destaca que acontece porque algumas funções não estão totalmente desenvolvidas, mas estão em desenvolvimento; portanto, a aprendizagem que a criança pequena faz, praticando esses aspectos juntamente com uma pessoa mais capaz, é o que lhe permitirá chegar a desenvolver algumas capacidades pessoais que poderá exercer sozinha mais adiante.

Nesses conceitos vygotkianos encontramos uma definição satisfatória referente às relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Pode-se destacar que a aprendizagem facilita e promove o desenvolvimento através da criação de zonas de desenvolvimento potencial, as quais, segundo o que já mencionamos, podemos definir como a “distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da resolução de um problema sob a orientação de uma pessoa adulta ou com a colaboração de um companheiro mais capaz” (Vygotsky, citado por Riviere, 1981)

Atuando com outra pessoa na zona de desenvolvimento próximo, a criança interiorizar a ajuda proporcionada, incorporando, assim, aos seus conhecimentos e às suas ações novas dimensões que a farão mais funcional, mais complexa e mais capaz de resolver problemas.

Finalmente, podemos destacar que, no processo de ajuda, de cuidado dedicado a uma criança pequena, os educadores e os pais atuam de uma maneira ou outra, conforme entendem implicitamente que seja seu papel no processo de estimulação dessa criança: para que ela desenvolva suas aptidões e até possa antecipar suas capacidades, a partir de um processo de observação constante dos aspectos que esteja incorporando, para conseguir melhorar essas suas capacidades. Nessa atuação conjunta, pais e educadores ajudam a criança pequena em seu avanço pessoal.

Todos esses aspectos estão integrando concepção construtivista do desenvolvimento

e da aprendizagem (Coll, 1986, 1990) e, a partir dessa perspectiva, entende-se que o desenvolvimento não surge do nada. Mas é uma construção sobre a base de desenvolvimento que existe previamente, sendo uma construção que exige o envolvimento tanto do menino ou da menina como daqueles que se inter-relacionam com ele ou ela, tratando-se de processos modulados pelo contexto cultural em que vivem

É necessário destacar que, nos últimos anos, tem havido entre os investigadores e estudiosos da psicologia evolutiva e da educação, em nosso contexto cultural, o que poderíamos nomear de um certo “acordo construtivista”, já que seus fundamentos teóricos sustentam várias explicações dadas sobre o desenvolvimento do ser humano.

O currículo proporciona informações referentes a que, quando e como ensinar e avaliar. É necessário revisar alguns aspectos importantes pelo modo como se relacionam a cada uma dessas questões.

No decorrer da etapa da educação infantil, há uma série de saberes culturais que devem ser conhecidos e de aspectos que ajudam a desenvolvê-los. Quando se fala de tudo isso, refere-se aos conteúdos educativos. Eles têm sido uma fonte de mal-entendidos em educação e, sobretudo, em educação infantil. Julgava-se que falar de aprendizagem de conteúdos nessa etapa, necessariamente, queria dizer não considerar as particularidades da etapa e “escolarizar” (no mau sentido da palavra) a creche e a pré-escola.

No auge da reforma educativa, dá-se muita importância aos conteúdos, porque é o que se aprende, sobre o que atua a atividade auto estruturante das crianças: é a partir dos conteúdos que somos capazes de desenvolver as nossas capacidades e converter-nos, gradativamente, em pessoas com mais recursos, com uma inteligência que nos permite o confronto com outras situações, etc. Por exemplo, para que a criança construa a sua noção de identidade – conteúdo conceitual – é preciso fazer diferentes atividades que lhe permitam diferenciar-se de outras pessoas: aprender o seu nome e os dos outros membros da família, saber que é um menino ou uma menina, etc.

Os conteúdos, objetos de aprendizagem, ordenam-se e organizam-se em torno das áreas curriculares que, na educação infantil, são âmbitos de experiência muito próxima da

criança:

A descoberta de si mesma.

A descoberta do meio social e natural.

A intercomunicação e as linguagens.

O conceito de conteúdo é entendido de maneira mais ampla do que anteriormente; em geral, têm-se identificado conteúdo com dados ou conceitos que a criança precisa aprender. Atualmente, identificamos como conteúdos de aprendizagem todos os aspectos que as crianças precisam conhecer, saber fazer, ou melhor, saber como se comportar. Assim, fala-se de três tipos de conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais.

É preciso destacar que essa é uma terminologia muito útil para o ensino fundamental e também interessante para a educação infantil . Às vezes, porém, apresenta algumas dificuldades nos conteúdos trabalhados na creche e na pré-escola. Em termos gerais, para todo o sistema educativo, tem a vantagem de permitir ir mais além na polêmica de “se a escola deve ensinar conceitos ou incidir nos processos de aprendizagem”.

Conhecer a existência de coisas, poder dizer características e estabelecer relações. implica aprender fatos e conceitos.

Na creche e na pré-escola, existem basicamente fatos: as cores, nome da criança, as partes do seu corpo, saber que se podem conseguir coisas através da linguagem. conhecer o nome das coisas e alguns conceitos iniciais: os conceitos que elabora em torno do que é um animal, a escola, a noite, a televisão; uma representação que o menino ou a menina faz da realidade a partir de cenas e planuras vividas – sempre que signifiquem a representação do que se apresenta – que lhe permitam antecipar e prever.

Os procedimentos podem ser mais abertos, como as estratégias (conjunto de ações ordenadas para facilitar a resolução de problemas diversos).



É necessário motivar a interação entre a criança e o adulto para motivá-la a atuar, a assumir novos caminhos, a relacionar-se, a colocar as dúvidas e a buscar soluções. É preciso facilitar contextos ricos que permitam à criança defrontar-se com novas experiências que lhe sejam interessantes e nas quais possa experimentar, manipular, observar, etc. A relação ótima entre a professora e as crianças é aquela que estabelece através de situações de comunicação real, que permite à menina ou ao menino criarem novos significados, com os quais poderão dar sentido a suas novas aprendizagens. A professora deverá facilitar as ferramentas para conhecer a realidade e para ajudar a fazer uma memorização abrangente dos aspectos que vivenciam na escola.

Os meninos e as meninas dessa idade apresentam necessidades educativas diversas, as quais a professora deverá conhecer para poder ajustar à sua ajuda, conforme as capacidades manifestadas. É importante utilizar metodologias diversas que incorporem diferentes tipos de situações de interação; nesses momentos, a professora poderá proporcionar a ajuda que cada criança necessita, considerando as suas capacidades e as suas dificuldades. Em consequência, não se trata de prescrever um só método, mas de utilizar as estratégias que sejam adequadas para dar o tratamento educativo que cada menino ou menina necessita.

A relação com as famílias. O objetivo prioritário da colaboração entre professores e pais é o de ajudar a desenvolver todas as capacidades das crianças. É preciso buscar canais de comunicação entre ambos, que permitam incentivar ao máximo essas capacidades. Particularmente na etapa da educação infantil, é importante uma boa comunicação entre a escola e a família para facilitar a adaptação das crianças aos novos contextos e, em consequência, às novas demandas, exigências e possíveis dificuldades. A comunicação entre as famílias e a escola normalmente é estabelecida através dos seguintes canais: as entrevistas pessoais, os informes, as reuniões das turmas de cada ciclo, os escritos informativos, a celebração de atividades e de festas conjuntas e a colaboração nas tarefas educativas.

Ao adotar um currículo aberto e flexível muitas das decisões em relação a como e quando ensinar ficam atribuídas às equipes de professores das escolas. Uma vez definidos os objetivos e os conteúdos para a etapa no primeiro nível de concretização, as escolas podem sequenciar esses conteúdos por ciclos e por cursos, identificando os objetivos para as áreas adequadas às características do contexto em que sejam trabalhados. Essas decisões fazem parte do que se denomina “um segundo nível de concretização e que integram o Projeto Curricular

do Centro”. Em parte, refere-se ao momento que cremos ser o mais conveniente para os nossos alunos aprenderem determinados conteúdos. No Capítulo 6, explicaremos detalhadamente o que compreende elaborar uma sequenciação dos conteúdos no Projeto Curricular do Centro.

O Departamento de Ensino da Generalidade da Catalunha publicou uma proposta de segundo nível de concretização que, para algumas equipas educativas, pode ser útil à identificação de uma possível sequenciação dos conteúdos na etapa da educação infantil (ver Generalitat de Catalunya a: Curriculum. Educació Infantil. Departament d’Ensenyament, 1992).

Finalmente, um currículo fornece informação em relação aos diferentes aspectos referentes à avaliação: o que avaliar, como avaliar e em que momentos é preciso fazê-lo. No documento normativo a que nos referimos, são oferecidas as seguintes recomendações:

A avaliação deve proporcionar informação útil para poder continuar ensinando. É preciso avaliar todos os tipos de conteúdos e em relação a todas capacidades que são necessárias desenvolver.

O referente último em avaliação deve ser os objetivos gerais da etapa; porém, como esses não são diretamente avaliáveis, é preciso identificar os objetivos didáticos que se referem aos objetivos gerais que deverão ser alcançados. Os objetivos didáticos referem-se às situações educativas propostas às crianças e, portanto, podem ser avaliados através da análise e da observação do grau de alcance dos objetivos previsto para a situação.

É preciso avaliar também o Projeto da escola, com a finalidade de identificar possíveis desconexões entre os objetivos formulados e o nível de aprendizagem obtido.

É necessário avaliar no princípio, durante e no final do processo de aprendizagem.

É necessário fazer uma avaliação sistemática e continuada no decorrer de todo o curso.

É necessário avaliar ao concluir uma etapa educativa.

A avaliação é um processo que compreende uma série de dados; é preciso valorizá-los e tomar decisões que impliquem o ajuste da prática educativa.

A observação é a estratégia principal da avaliação na etapa da educação infantil.

## **Consequência da Educação Infantil**

O momento histórico atual marcado por transformações tecnológicas- científicas e ético-sociais destaca a educação da criança, enquanto sujeito social, legitimando-a como competente e sujeito de direitos. Citando ZABALZA (1998), pode-se dizer que se está diante da “infância recuperada”. Da criança reprimida, adulto em miniatura, criança-aluno, criança-filho renasce uma criança verdadeira, pedindo para viver como criança, reconhecida pela grandeza de seu tempo ao construir também a história.

A educação ocupa o espaço de esperança na dinâmica da sociedade. Família, escola e sociedade são chamadas a compor uma unidade em prol deste desafio, que requer um rever contínuo de crenças, valores, princípios e ideais.

À escola em parceria com a família e à sociedade é reservado o papel de desenvolver a formação da criança para a cidadania, envolvendo conhecimentos, atitudes, habilidades, valores, formas de pensar e agir contextualizadas ao social para que possa participar de sua transformação.

O mundo “dos adultos” estabelece alguns paradoxos em relação à infância ao considerar as crianças, as suas circunstâncias e condições de vida. (Pinto e Sarmiento,1997).

Na história da infância, nunca houve tanta preocupação com as crianças como acontece hoje em dia. Constata-se, no entanto, que a criança não dispõe mais de tempo para vivenciar suas brincadeiras e fantasias, tão benéficas ao seu desenvolvimento mental e emocional.

Por um lado é valorizada a espontaneidade e expressão infantil, ao passo que, por

outro, bloqueia-se suas manifestações naturais. Sabe-se que os pais são os primeiros agentes sociabilizadores e os educadores mais importantes para seus filhos, apesar dessa assertiva, não assumem a maior parte da responsabilidade sobre eles. Da mesma forma, acredita-se que as crianças devem viver e comportar-se dentro do que lhe é próprio, porém suas “infantilidades” são criticadas e bloqueadas pelos adultos. Defende-se a importância do brincar na construção do desenvolvimento e aprendizado infantil, mas quando ordenamos, em determinadas circunstâncias, que parem de brincar e elas resistem, não se compreende essa rebeldia e repreende-se com “a autoridade de adulto”.

Incentivam-se as crianças a criar e se expressar só que da maneira que se idealiza para elas. Discursa-se, também, sobre o respeito ao ritmo de desenvolvimento, interesses, possibilidades, características e espaço infantil e, em contrapartida, limita-se a vida das crianças a longos períodos em “carteiras” realizando atividades sem significado, rotineiras e que não conduzem à promoção.

Espera-se que as crianças desvendem o mundo e se fecha a porta da descoberta, da curiosidade e da experiência tateante, com encaminhamentos definidos e impostos pelo adulto. Ao mesmo tempo em que se incentiva as crianças à autonomia, à livre expressão e à comunicação, no cotidiano elas não podem fazer escolhas, manifestar seus sentimentos e expor suas ideias e desejos. Outrossim, as crianças devem ser educadas para a liberdade e para a democracia, todavia em prol do controle e da disciplina, os limites são impostos de forma inflexível.

As preocupações com a infância abrem novas possibilidades e um novo caminho para repensar as intenções pedagógicas e sociais, no sentido de dar resposta às expectativas infantis, apontando para novas tendências e desafios educacionais. As crianças pequenas precisam dos adultos a fim de que possam ter seus direitos assegurados. a partir das questões que se evidenciam. A partir das questões que se evidenciam, está despontando, atualmente, uma pedagogia da educação infantil que respeite a criança como cidadã e a coloque no centro do processo educacional.

Um desafio se coloca para o professor de educação infantil: um novo olhar sensível e reflexivo sobre a criança, procurando compreender e aceitar os sinais que manifesta

e que comunica a respeito do que é e espera do adulto.

Dos estudos de Rousseau, Froebel, Decroly, Montessori a Piaget e seus seguidores abrem-se um novo conceito para o desenvolvimento cognitivo com a construção do conhecimento. Segundo Freinet, a ótica do desenvolvimento natural e da perspectiva cultural e social se delinea e com Vygotsky, se confirma o paradigma contemporâneo da educação infantil, que destaca no pensamento e na linguagem, na interação e na mediação a tônica de uma educação infantil que de escolar, com o foco no aluno, configura-se como educacional, e passa a concentrar sua atenção na criança, competente e sujeito de direitos. A trajetória da educação infantil sustenta, assim, uma concepção em torno da ideia de WALLON (1995) sobre a evolução natural da criança, vista como ser social em desenvolvimento, pensada em termos das relações sociais que estabelece, considerada em sua individualidade e possibilidades.

Os parâmetros pedagógicos da “infância em situação escolar” sustentam uma situação em que a educação infantil é vista como uma antecipação das rotinas do ensino fundamental, quando o currículo deste é adaptado para a criança de zero a seis anos. Está em construção uma pedagogia não-escolar para a educação infantil, superando o assistencialismo e se confirmando a integração educação e cuidado, que envolve a criança e o adulto, que contempla a família, que viabiliza uma nova organização de tempo e espaço pedagógico, com o desenvolvimento de projetos no lugar de disciplinas curriculares isoladas, vindo a garantir a construção da cultura infantil. É preciso ampliar a rede de solidariedade de preocupações com as crianças de zero a seis anos, reavivando a imagem do professor diante do sentido da ação educativa na contemporaneidade.

Diante do contexto de desafios e descaso entre professores encontram-se os que “tiram de quase nada formas criativas, amorosas, inovadoras, estimulantes, que mobilizam a curiosidade das crianças de aprender, o que as faz a cada dia retornar à escola com brilho nos olhos, cheias de perguntas, cheias de descobertas, ansiando por compartilhar com a professora e com as outras crianças os seus novos saberes e novos desejos de saber”. (GARCIA, 2002:8).

A passagem da infância do âmbito familiar para o institucional, à medida que se co-responsabiliza pela criança, passa a constituir um discurso próprio e novos contornos se encontram a caminho de definição. Uma nova ação pedagógica em um contexto que contemple

todas as dimensões do humano passa a ser o desafio aos educadores. A instituição de educação infantil é um espaço diferente, assim como o professor deve ter um perfil próprio, composto por um amplo conhecimento cultural e uma formação na qual “aprendesse a vibrar e a fazer vibrar”. (BALAGUER, 1999), avançando a uma prática reflexiva e transformadora. A tarefa, pois, consiste em “devolver à infância a sua presença enigmática”. (LAROSSA, 1998:233)

À Pedagogia cabe, assim, ampliar e subsidiar a formação ampla e contínua do professor para a educação infantil, que atenda às demandas sócio-culturais dos programas voltados para a infância ressaltando uma postura ética, polivalente e comprometida, que agregue ousadia para conquistar na prática as conquistas obtidas nos aspectos legais em relação à infância brasileira. Significa, pois, saber utilizar os conhecimentos socialmente produzidos para estabelecer transposições didáticas adequadas e de qualidade para o cuidado e educação das crianças.

De uma pedagogia escolar, novos contornos estão se delineando timidamente. A criança em seu próprio tempo dá um impulso a uma abordagem humanizadora à intervenção educativa. As relações sócio-culturais, o conceito de infância heterogênea, os diferentes contextos de construção da diversidade, a necessidade de se resgatar a infância abrem um universo de oportunidades à pedagogia.

Uma criança renovada desponta diante do quadro constatado na família, na escola e na sociedade. Inteligente, curiosa, ativa, solidária, criativa, integrada no meio em que vive, quer dialogar e participar da construção de seu caminho, ao mesmo tempo, ávida por afeto, brincar, correr, sorrir, chorar, viver e por sonhar. Ao longo da história da humanidade foi com os pais, parentes e vizinhos, brincando com outras crianças que ela aprendeu a viver.

A necessidade de programas sensíveis às crianças, vem sendo destacados e analisados no cenário mundial. O que se confirma nas palavras de EDWARDS (1999:294): “uma sociedade humana parece ser um pré-requisito necessário para ter-se escolas humanas, onde os professores sejam capazes de aprender com as crianças e com seu ambiente”.

Não faz parte deste trabalho recuperar a história da educação infantil no Brasil, pois muitos estudiosos já o fizeram, com muita propriedade. No entanto, alguns recortes

dessa história representam a exigência de um determinado momento histórico e clarificam os paradigmas existentes.

O sistema educacional brasileiro é marcado há mais de um século pelo início de preocupação com a educação infantil. Surge, sem nenhuma indicação legal a respeito, no momento em que o processo de industrialização do país atrai a mulher ao mercado de trabalho. Os registros oficiais da educação pré-escolar mais remotos são descritos, na década de 1930, na Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-lei 8530) de Gustavo Capanema, onde os Institutos de Educação eram responsáveis pelo profissionais do magistério primário e também pelo curso de especialização para o trabalho pré-escolar.

Em 1961, a Lei 4024/61, pela primeira vez no país, contempla todos os níveis de educação, não alterando a formação do professor da pré-escola que continua sendo realizada no ensino médio. Refere-se à educação infantil como os “Jardins de Infância” e, em acordo com a CLT (1943), define que as mães que trabalhassem e com filhos menores de sete anos, seriam estimuladas a organizar instituições de educação pré-primária. Só que com o golpe militar de 1964 as discussões educacionais passam por uma longa fase de conformismo e silêncio.

Durante este período, a influência do tecnicismo norte-americano e os acordos MEC-USAID tornam-se os marcos das Leis 5.540/68 e 5.692/71 que reorganizavam o ensino superior e de 1.º e 2.º graus, respectivamente. O Curso de Magistério transformou-se em Habilitação Específica para o Magistério, tendo um núcleo comum destinado à formação geral e à formação especial, de caráter profissionalizante, que habilitava o aluno, em quatro anos, a lecionar da pré-escola a 6.ª série do 1.º grau. À educação infantil ficava reservada a parte da formação especial nas matérias que contemplavam o desenvolvimento infantil e didático-pedagógico para esta fase. Iniciativas isoladas, movidas por idealismo de educadores, traçando uma educação realmente preocupada com a infância.

Neste sentido, a Constituição Brasileira (1988) torna-se um ponto decisivo na afirmação dos direitos da criança incluindo, pela primeira vez na história, o direito à educação em creches e pré-escolas. (Art. 208, inciso IV). Em 1990, O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, insere as crianças no mundo dos direitos, mais especificamente no mundo dos Direitos Humanos, reconhecendo-as como pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, como

cidadãs, com direito ao afeto, a brincar, a querer, a não-querer, a conhecer, a opinar e a sonhar.

O referido Estatuto considerado pela UNICEF uma das legislações mais avançadas do mundo na área do direito da criança e do adolescente, ao enfatizar a vida, a educação, a saúde, a proteção, a liberdade, a convivência familiar e o lazer.

É neste contexto que o Ministério de Educação e Desporto (MEC), em 1994, assume o papel de propor a formulação de uma Política Nacional de Educação Infantil. Neste período, a Coordenação Geral de Educação Infantil (Coedi) da Secretaria de Educação Fundamental do MEC publicou uma série de documentos para a educação infantil no Brasil, entre os quais se destacam:

“Por uma política de formação do profissional de educação infantil” (1994), “Política Nacional de Educação Infantil” (1994), “Critérios para um atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais das crianças” (1995).

Reafirmando estas mudanças, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases, n.º 9394/96, estabelece o vínculo entre a educação e a sociedade e, ao longo do texto, faz referências específicas à educação infantil, de forma sucinta e genérica. Reafirma que a educação para crianças com menos de seis anos é a primeira etapa da educação básica, destaca a idéia de desenvolvimento integral e o dever do Estado com o atendimento gratuito em creches e pré-escolas. Outro avanço, refere-se à avaliação na educação infantil, ressaltando que não tem a finalidade de promoção, em oposição à visão preparatória para as séries iniciais. A exigência da formação dos profissionais para a educação infantil em nível superior e ensino médio, apresentada pela Lei, vem sendo motivo de debates e reflexões, a nível nacional.

De acordo com a LDB, considerando seu papel e sua responsabilidade na indução, proposição e avaliação das políticas públicas relativas à educação nacional, o Ministério da Educação e do Desporto propõe, em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. São três volumes, sem valor legal, que se constituem num conjunto de sugestões para os professores de creches e pré-escolas, para que possam promover e ampliar as condições necessárias ao exercício da cidadania da criança brasileira.



GARCIA (2001:41) ao fazer uma análise das críticas ao documento, ressalta que “mesmo desconsiderando a imensa diversidade cultural e social da sociedade brasileira e das propostas curriculares de educação infantil existentes, a leitura crítica deste documento pode ser um importante subsídio para o debate sobre a criança e a educação infantil”.

Em dezembro de 1998, o Conselho Nacional de Educação publica as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, com o intuito de nortear as propostas curriculares e os projetos pedagógicos para educação da criança de 0 a 6 anos e, estabelece paradigmas para a própria concepção de programas de cuidado e educação, com qualidade, em situações de brincadeiras e aprendizagem orientada de forma integrada, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de respeito e confiança, enquanto tem acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

O documento destaca a evolução do conceito de criança na história da educação infantil e os impactos da modificação da constituição familiar e da vida na sociedade sobre a vida da criança. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil confirmam os Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica na orientação das instituições de educação infantil. No entanto, sabe-se que a lei e as diretrizes ao assegurarem a concepção de criança cidadã e da educação infantil como direito da criança no Brasil, não determinam a mudança na realidade das crianças brasileiras e nas propostas e trabalho das creches e pré-escolas.

A análise dos impactos das transformações sociais, tecnológicas e culturais sobre a criança de 0 a 6 anos, as consequências sobre seu modo de ser e se relacionar têm sido alvo das discussões pertinentes na formação do professor de educação infantil. Os questionamentos estão presentes nas abordagens pedagógicas, de conhecimento geral e específico, do universo infantil e da formação do perfil profissional do professor.

Sabe-se que a intervenção pedagógica tem oscilado entre as concepções de mundo e de educação em que, ou se permite à criança ser criança em seu processo de desenvolvimento natural, no seu tempo e singularidade, ou se opta a forçar a natureza, estipulando regras, modelos e padrões a serem aprendidos, seguidos e repetidos. A educação infantil comprometida

e planejada para ser um tempo e um espaço de aprendizagem, socialização e diversão, oportuniza a criança a viver como criança em instituições educacionais.

Através de atividades que não têm a conotação escolar ou igual às de sua casa, à criança é reservado o lugar de viver sua infância, sem encurtá-la com tarefas rotineiras e desmotivantes ao ser “aluno” ou ser “trabalhador”, em seus contextos familiar e social.

O reconhecimento da educação infantil como espaço de aprendizado e conhecimento, traz a importância de repensar as relações da Pedagogia com a educação infantil, orientada para uma prática comprometida com uma intencionalidade educativa que resgate a infância. Pascal & Bertran (apud ROSEMBERG, 1994) afirmam que se quisermos melhorar a qualidade da educação de crianças pequenas, devemos nos preocupar com a qualidade de seus professores.

Ao considerar a concepção de infância e de educação na formação acadêmica do professor de educação infantil, destaca-se a importância do estudo da educação e da investigação da realidade, para que possa intervir e fazer sua ação pedagógica relacionada com os componentes da prática educativa, ou seja, a criança, o professor e o contexto em que vivem. Cabe, pois, considerar os valores e princípios presentes na concepção de criança, sociedade, conhecimento, educação e cultura, necessários à contextualização sócio-política da formação do pedagogo crítico, reflexivo, pesquisador, criativo e comprometido com a responsabilidade social e inovadora na educação infantil.

A perspectiva da relação pedagogia-educação infantil considera necessária à mobilização frente às discussões sobre a reorganização institucional e legal da educação de crianças de zero a seis anos como, também, pelo campo educacional que aponta para uma nova concepção da infância e para a exigência de uma formação geral e cultural continuada dos professores para a educação infantil, instaurando e fortalecendo os processos de mudança na perspectiva de um profissional pedagogo, especialista nas questões da educação, um cientista da educação e pesquisador da prática educativa, como resposta aos desafios que a criança solicita em seu desenvolvimento. É um desafio permanente que se impõe para pensar e realizar uma pedagogia que invista em fazeres e saberes pedagogicamente comprometidos com uma educação humanizadora de nossas crianças.

## Módulos 06

### Estudos de Caso

#### Contribuição da Psicologia Para a Educação

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais, ou seja, ela estuda o que motiva o comportamento humano, o que o sustenta, o que o finaliza, e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência.

A psicologia encontra-se, como uma das disciplinas que precisa ajudar o professor a desenvolver conhecimento e habilidades, além de competências, atitudes e valores que o possibilite ir construindo seus saberes-fazer docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prático social, lhes coloca no cotidiano. Dessa forma, poderá contribuir para que o professor desenvolva a capacidade de investigar a própria atividade, para, a partir dela, construir e transformar os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de sua identidade como professor.

Ao transmitir o conhecimento para os alunos o professor desempenhará também a função de formador da personalidade de seus alunos no processo ensino-aprendizagem, pois o aluno por sua vez é um sujeito ativo de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, afetivo e social; e o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é favorecer/propiciar a inter-relação(encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento(conteúdo escolar); nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento(processo de ensino-aprendizagem)

O entendimento de sócio construtivismo pode perceber que não há uma concepção única dessa proposta, com está em Cavalcanti(2002,p.31-32): A perspectiva sócio construtivista(...)concebe o ensino como uma intervenção intencional nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento(...). Esse entendimento implica, resumidamente, afirmar que o objetivo maior

do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno. tais ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, no qual deve ser 'inserido' no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de conhecê-lo.

Partindo da visão da personalidade como constituída com base em um processo relacional, que portanto se forma também nas relações dentro da escola.

Percebe-se então que, dessa maneira a aliança entre Educação e Psicologia é incontestável e bastante antiga, não tendo sido preciso esperar o momento recente da constituição da Psicologia como ciência independente da grande mãe, a Filosofia, para buscar respostas sobre como se aprende, quem é o sujeito da aprendizagem, como se deve ensinar, levando em conta as características psicológicas dos alunos, se é ou não válido aplicar punições e prêmios, qual é a importância da informação no desenvolvimento humano, em que consiste o ato de comunicação, o que interessa e dá prazer ao aluno quanto ao aprendizado escolar.

No entanto qualquer que seja o ângulo dessa reflexão, vamos constatar que, em nosso viver, a relação com o outro é uma questão central. Por conta dessa questão, a travessia do homem e da humanidade em geral, foi sempre marcada por aproximações, afastamentos, simpatias, antipatias, egoísmo, altruísmo, ódio, amor etc. Isso faz com que permanentemente estejamos preocupados em saber muitas coisas sobre o indivíduo: o que pensa, de que gosta, quais são suas forças e fraquezas, como pode ser agradado, seduzido, manipulado, emocionado, ou, ainda, como pode sair do egoísmo e ir ao encontro do outro, compor com outros uma coletividade, enfim, como pode ser educado para comunicar-se e conviver fraternal e cooperativamente com seus semelhantes.

Assim a psicologia também, aplica à educação e ao ensino, busca mostrar como, através da interação entre professor e alunos, entre os alunos, é possível a aquisição do saber e da cultura acumulados. por tanto papel do professor nesse processo, é fundamental. Ele procura estruturar condições para a ocorrência de interações professor-alunos-objeto de estudo, que levam à apropriação do conhecimento.

A sua contribuição no campo Educacional, é um tema cativante e desafiador que permanece atual e proporcionando estudos e pesquisas de vários e renomados cientistas. Ocupa papel de fundamental importância e tende a intensificar-se cada vez mais.

Deve-se lembrar sempre que essas contribuições precisam ser caracterizadas como um espaço de reflexão envolvendo a realidade escolar, assim como um espaço propício para a expressão das angústias e das ansiedades inerentes ao processo de formação.

A Psicologia no âmbito da escolar deve também contribuir para otimizar as relações entre professores e alunos, além dos pais, direção e demais pessoas que interagem nesse ambiente. É neste contexto e neste lugar que a Psicologia poderá contribuir para uma visão mais abrangente dos processos educativos que se passam no contexto educacional. Pois, uma vez que, as contribuições da psicologia inserida na equipe educacional, prepara os conteúdos a serem ensinados visando estabelecer outros e novos patamares para a compreensão dos fatos que ocorrem no dia a dia da escola, propiciando uma reflexão conjunta que possibilite o levantamento de estratégias que venham a sanar as dificuldades enfrentadas.

## **A Importância da Psicologia da Aprendizagem e Suas Teorias Para o Campo do Ensino-Aprendizagem**

A aprendizagem pode ser definida como um processo de aquisição de novos conhecimentos através de experiências vivenciadas e determinadas por fatores endógenos e exógenos que resultam na modificação do comportamento humano e que dependem de condições essenciais, tais como: mentais, físicas, sensoriais e sociais para se desenvolverem. A aprendizagem é um dos temas mais estudados pela Psicologia da Educação, pois praticamente todo comportamento e todo conhecimento humanos são aprendidos.

Inúmeros são os autores que discutem as teorias da aprendizagem; assim, procuramos selecionar os principais teóricos para o desenvolvimento deste artigo, dentre os principais, aparecem Wallon, Piaget, Vygotsky e Skinner; após analisar os escritos e as teorias de cada um deles, é notável perceber as enormes contribuições dadas por eles à educação.

As teorias da aprendizagem estabelecem relação com as ações pedagógicas e refletem também sobre a maneira como as teorias estudadas questionam e se relacionam criticamente com as práticas que os professores têm em sala de aula para que aprofundem as relações entre o aprender e o ensinar com respaldo nas teorias que explicam tais práticas e que compreendam os processos de aprendizagem e suas relações com as diferentes dimensões do fazer pedagógico.

Para o Campo da Educação, a Psicologia da Aprendizagem pode apresentar inicialmente conhecimentos sobre a natureza humana e os padrões evolutivos normais de desenvolvimento e aprendizagem que contribuirão para o planejamento e execução de programas de recuperação e assistência àqueles que se distanciavam dessa pretensa “normalidade” na sociedade.

A Psicologia da Aprendizagem foca o indivíduo e o desenvolvimento intelectual de suas capacidades; a Psicologia Experimental aplicada à Educação busca normalizar comportamentos e ações em que culpabilizavam aqueles que por algum motivo não se desenvolviam ou não aprendiam dentro do esperado.

Assim, é fundamental estudar a Psicologia da Aprendizagem e suas teorias que tratam da sua importância para o campo do ensino-aprendizagem e das contribuições que ela pode dar para a área da educação e conforme ressalta Bock et al (2008, p. 132), “assim, a Psicologia transforma a aprendizagem em um processo a ser investigado” pela ciência.

## **Teorias da Aprendizagem na Educação**

O termo “psicologia” é usado pela primeira vez em 1590 como título de uma obra escrita por Rudolf Goclenius (1547-1628), professor da Universidade de Marburgo na Alemanha e que ficou muito conhecido na época por suas contribuições à terminologia filosófica. Logo de início, a história da Psicologia irá se confundir com a história da Filosofia até meados do século XIX.

A partir do século XIX, com o positivismo de Auguste Comte (1798-1857) é

que de fato a construção do conhecimento psicológico é fortemente influenciada, a partir daí a Psicologia se constitui num ramo de conhecimento definido, através de um objeto de estudo delimitado em que busca compreender os processos mentais, os sentimentos, a razão, o inconsciente, as atividades psíquicas e o comportamento humano e animal.

É importante ressaltar que a Psicologia surge como ciência de fato no século XX. Uma visão abreviada de seu nascimento nos remete ao primeiro laboratório de psicofisiologia criado por Wilhem Wundt (1832-1920), na Universidade de Leipzig (Alemanha). No entanto, se essa foi a condição científica para que a Psicologia recebesse o status de ciência, tal feito não explicita questões muito mais amplas e cruciais à luz dessa nova área do conhecimento humano.

Jean Piaget (1896-1980), Wallon (1879-1962) e Vygotsky (1896-1934) têm sido considerados os representantes mais eminentes de um grupo de teóricos que procuram explicar a aprendizagem e o conhecimento humano dentro de uma linha histórica na qual o sujeito e o objeto interagem em um processo que resulta na construção e reconstrução das estruturas cognitivas. Sendo assim, esses teóricos foram denominados de teóricos interacionistas.

As Teorias Interacionistas ou Cognitivistas são de Base Dialética; no interacionismo, como o próprio nome já diz, há uma interação entre o sujeito e o objeto para a construção do seu conhecimento e para a construção dos próprios objetos. Assim, podemos perceber que as crianças constroem seu próprio conhecimento, em que o professor é apenas um mediador desse processo, pois conhecemos as coisas na forma em que elas são aprendidas pela nossa mente, que possui, a priori, conhecimento, sensibilidade, noções de tempo e de espaço.

As Teorias da Aprendizagem são modelos teóricos desenvolvidos cientificamente para explicar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem no transcorrer da história da Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Psicologia da Educação, buscando dar respostas às perguntas e indagações surgidas nas instituições de ensino.

Nesse sentido, segundo Lepre (2008, p. 313), “a teoria de Piaget é a matriz do Construtivismo, linha teórica proposta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para o planejamento, execução e avaliação das atividades pedagógicas nas escolas brasileiras”. No entanto, é importante ressaltarmos que Piaget não teve uma preocupação eminentemente

pedagógica e sim epistemológica, ou seja, esse autor teve como centro de suas investigações o sujeito epistêmico e não o sujeito do ensino-aprendizagem.

Para Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985, p. 28), “a teoria de Piaget não é uma teoria particular sobre um domínio particular, mas sim um marco de referência teórico, muito mais vasto, que nos permite compreender de maneira nova qualquer processo de aquisição de conhecimento” onde o professor é um mediador do desenvolvimento cognitivo do educando para ampliação da aprendizagem.

Dessa forma, Piaget não propôs um método de ensino ou elaborou materiais pedagógicos, mas ofereceu à educação esclarecimentos sobre o modo peculiar de raciocinar que as crianças apresentam em diferentes estádios e momentos da vida.

As Teorias Comportamentalistas ou Behavioristas Radicais de Base Empírica postuladas por Skinner surgem nos EUA, em 1945. Adotadas por vários outros psicólogos, surgiu na área da Psicologia como uma proposta filosófica e como um projeto de pesquisa em oposição ao Behaviorismo Metodológico de orientação positivista de John Watson.

Nas teorias comportamentalistas, de base empirista, o ambiente, entre outros fatores, é primordial na aprendizagem, desenvolvimento e interação da criança com o meio em que está inserida, pois o comportamento, as ações e atos humanos são mensuráveis; logo, é possível serem medidos, comparados e avaliados os fenômenos, ações e reações comportamentais existentes dos mais diversos tipos.

## **Implicações das Concepções Teóricas de Wallon, Piaget, Vygotsky e Skinner na Prática Pedagógica**

A escola é um espaço de formação que recebe muitas pessoas com pensamentos e ideias diferentes em vários aspectos: físicos, religiosos, políticos, culturais, familiares, econômicos, etc. e nessa diversidade ocorrem muitas coisas ao mesmo tempo que o professor não consegue acompanhar. Assim, cada teoria oferecerá respostas diferentes dadas pelas ciências da educação às perguntas relativas aos problemas enfrentados por professores em diferentes momentos,



espaços, tempos e sobre diferentes prismas sociais, políticos e econômicos.

O ambiente escolar também exerce muita influência na aprendizagem das crianças, pois ele envolve basicamente os aspectos físicos e mentais que são essenciais para uma boa aprendizagem. Dentro da sala de aula a construção colaborativa poderá melhorar o rendimento escolar e a socialização entre os alunos através do diálogo e da interação com todos os envolvidos que fazem parte da comunidade escolar.

As práticas pedagógicas se baseiam em modelos ou concepções teóricas que auxiliam o professor a melhor ensinar e preparar suas aulas, sendo que algumas teorias se desenvolvem em tempos simultâneos com perspectivas e direções diferentes. Esse é o movimento típico da ciência e muitas vezes os meios acadêmicos costumam privilegiar as teorias mais novas e as que oferecem respostas mais rápidas às mais recentes inquietações dos professores.

No Behaviorismo, o processo de aprendizagem e conhecimento decorre da relação estímulo-resposta (S-R) e das ações praticadas pelas crianças, tendo como objetivo a aquisição de novos comportamentos ou a mudança dos já existentes; pois o ensino decorre da adaptação e planejamento de reforços através dos quais o aluno é levado a adquirir ou modificar uma conduta.

Conforme afirmam Coutinho e Moreira (1998, p. 58-9), [...] As teorias do condicionamento, cada qual com suas especificidades, procedem a uma abordagem molecular do comportamento humano que, embora consiga explicar algumas dimensões da conduta, não esclarece processos mais amplos, como a formação das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas.

Assim, o behaviorismo deu contribuições eminentes na educação com controle e organização das situações de aprendizagem, elaboração de tecnologias de ensino, métodos de instrução e ensino programado em computadores que trouxe muitos avanços no processo de aprendizagem para testes em concursos, vestibulares e simulados eletrônicos.

Para Piaget (1999), no Construtivismo a aprendizagem só ocorre mediante a

consolidação das estruturas de pensamento, portanto a aprendizagem sempre se dá após a consolidação do esquema que a suporta, da mesma forma a passagem de um estágio para outro da criança estaria dependente da consolidação e superação do estágio anterior. Sendo assim, a aprendizagem em si nada mais é do que a substituição de uma resposta generalizada por outra mais complexa.

Com base em Piaget, para Coutinho e Moreira (1998, p. 122), “a criança (sujeito) constitui com o meio (objeto) uma totalidade”; quando esse meio é a escola, o processo de ensino-aprendizagem deve propiciar à criança a capacidade de desenvolver seu conhecimento cognitivo e afetivo, em que suas demais aptidões para cada tipo de disciplina específica presente no sistema de ensino e suas fases e processos pedagógicos surtam efeitos para que tenha uma boa formação.

Para Wallon, a aprendizagem está relacionada com o desenvolvimento da individualidade como unidade afetiva e cognitiva dos sujeitos. O estudo do desenvolvimento humano deve ser feito na sucessão das etapas e dos conflitos no decorrer da vida, sendo a linguagem e a cultura que fornecem ao pensamento as ferramentas para a sua evolução; a sua interação com o mundo biológico não depende apenas do seu amadurecimento intelectual, mas de habilidades mais complexas para interagir com a cultura existente entre o sujeito e seu meio.

Segundo Vygotsky (1998), a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando com passar do tempo. O desenvolvimento é pensado como um processo em que estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem.

Vygotsky é considerado como um dos principais interacionistas que estudaram as funções psicológicas dos indivíduos; relacionou a ação da criança como transformadora de suas relações com os conteúdos estudados e, enquanto estas são constitutivas de sua inteligência, é capaz de formar sua personalidade. O professor pode ser um mediador do ensino e aprendizagem através da ZDP, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

Assim, para Vygotsky, segundo Vasconcellos (1995, p. 15), “o surgimento da consciência se dá através das ações do indivíduo no mundo e da interiorização transformadora da fala e dos símbolos culturais”. A atividade do aluno, além de ser capaz de criar novas conexões e elaborações no nível de certos conteúdos, favorece, assim, o crescimento de procedimentos intelectuais superiores que envolvem análise, síntese, abstração, decodificação e generalização.

Com base em Vygotsky (1998, p. 47), ressaltamos:

A linguagem não depende necessariamente do som. Há, por exemplo, a linguagem dos surdos-mudos e a leitura dos lábios, que é também interpretações de movimento. Na linguagem dos povos primitivos, os gestos têm um papel importante e são usados juntamente com o som. Em princípio, a linguagem não depende da natureza do material que utiliza.

Portanto, de acordo com o que destaca Vygotsky, a relação indivíduo-sociedade não tem de imediato característica tipicamente humana, pois, desde o dia em que o indivíduo nasce e passa a conhecer a dialética do homem e seu meio sociocultural, pode notar as transformações que ocorrem para atender a si mesmo e às suas necessidades básicas para sua existência.

Assim, o homem se caracteriza por uma sociabilidade primária. “A mesma ideia foi expressa por Henri Wallon, de um modo mais categórico: ele [o indivíduo] é geneticamente social (Wallon, 1959)” (IVIC, 2010, p. 15).

### **Reflecões Acerca das Teorias Behavioristas, Psicogenéticas e Sóciohistóricas na Educação**

Ao fazermos algumas reflexões acerca das teorias da aprendizagem na contemporaneidade, podemos perceber que tanto Skinner como Vygotsky, Wallon e Piaget deram contribuições relevantes para o campo do ensino-aprendizagem, levando em consideração o interesse por transformações no campo científico da psicologia da aprendizagem, e empenharam-se na elaboração de suas teorias para uma melhor compreensão do desenvolvimento humano.

Podemos perceber que o behaviorismo dominou o pensamento e a prática da

psicologia em escolas e consultórios até os anos de 1950. Contudo, o behaviorismo, principalmente o behaviorismo radical de Skinner sempre foi alvo de críticas infundadas e equivocadas em que suas ideias foram mal interpretadas e confundidas com o behaviorismo metodológico de John Watson e muitas dessas críticas e distorções foram disseminadas no próprio meio educacional.

Para Skinner (2006, p. 7), o behaviorismo radical seria um caso especial da filosofia da ciência: “não é a ciência do comportamento humano, é a filosofia dessa ciência” que procura entender as questões humanas como: “comportamento”, “liberdade”, “cultura” e “sentimentos”, levando em consideração as contingências variáveis do meio e sem negar a consciência e ação do homem sobre a “natureza” interna.

Podemos compreender, com base em Skinner (2006, p. 158), que:

Toda gente sofreu, e infelizmente continua a sofrer, por causa das teorias mentalistas de aprendizagem no campo da educação. Trata-se de um campo no qual a meta parece obviamente ser uma questão de mudar mentalidades, atitudes, sentimentos, motivos, etc., e a ordem estabelecida é por isso particularmente resistente à mudança. Contudo, o objetivo da educação pode ser expresso em termos comportamentais: um professor planeja contingências nas quais o aluno adquirirá comportamento que lhe será útil mais tarde, em outras contingências. As contingências instrutivas devem ser planejadas; não há outra solução.

Com isso, para Vasconcellos (1995), no que se refere à Psicologia aplicada à Educação e ao ensino dos conteúdos escolares, as subáreas do conhecimento que mais têm se destacado são as de ensino-aprendizagem e desenvolvimento. O conhecimento advindo dessas áreas pretende explicar os processos psicológicos presentes nas práticas cotidianas da escola.

Na perspectiva educacional comportamentalista, caberia ao professor utilizar o reforço para aumentar a probabilidade de ocorrência de uma resposta. Os alunos seriam passivos durante o processo de ensino-aprendizagem, e deveriam ser aptos a responder conforme a proposta do professor. Na teoria psicogenética, o professor deverá orientar seu aluno pelo caminho de desenvolvimento adequado às suas fases evolutivas, dando-lhe uma ampla margem de autonomia e confiança para solucionar os problemas.

A abordagem teórica construtivista de Jean Piaget contribuiu para um novo modelo de educação que possibilitou a ampliação dos conhecimentos lógicos dos alunos para torná-los capazes de resolver os problemas mais complexos; a tarefa pedagógica do professor seria propor atividades desafiadoras que provocassem o desequilíbrio e reequilíbrio das estruturas cognitivas das crianças na aprendizagem.

Assim, para Piaget entender como se organizava e acontecia a aprendizagem humana, ele passou a estudar e observar as crianças. Os estudos de Piaget colocam em evidência que a lógica da criança não apenas se constrói de forma progressiva, como também se dá de maneira diferente do que ocorre com o adulto, em que fazer é compreender, é compreender que a ação do conhecimento é uma tomada de consciência.

Com base em Piaget (1978, p. 72), fazer e compreender são essenciais na aprendizagem. Segundo ele, [...] parece evidente que, os processos das regras próprias à ação do indivíduo e os das coordenações que se tornam explicativas, existe uma estreita relação: as regras são guiadas, primeiramente, pelas observáveis sobre o objeto e as coordenações apelam para estruturações operatórias endógenas, prologando aquilo que representa, nas regulagens cada vez mais complexas, a parte das atividades do indivíduo.

A Psicologia Genética de Piaget nos permite compreender o processo de aprendizagem como construção do pensamento e deduzir hipóteses sobre as leis próprias do desenvolvimento intelectual; não existe conhecimento pré-formado nem acumulado por experiências (oposição ao empirismo); pois sim, o que há é uma interação entre o sujeito e o objeto que se coloca na questão do conhecimento.

Segundo Wallon (2007, p. 157 e 158), “o gesto precede a palavra, depois vem acompanhado dela, antes de acompanhá-la, para finalmente fundir-se em maior ou menor medida a ela. A criança mostra, depois conta, antes de conseguir explicar”, assim ele defendia a atividade humana como instrumento de criação do pensamento, pois para ele era preciso conhecer a criança nos seus diferentes campos de estudos e nos diferentes exercícios de suas atividades cotidianas.

Para Vygotsky, existem três momentos importantes da aprendizagem da criança:

a zona de desenvolvimento potencial, que é tudo que a criança ainda não domina, mas que se espera que ela seja capaz de realizar; a zona de desenvolvimento real, que é tudo que a criança já é capaz de realizar sozinha; a zona de desenvolvimento proximal, que é tudo que a criança somente realiza com o apoio de outras pessoas ou de companheiros mais capazes.

Ao analisar os estudos de Vygotsky, notamos que sua teoria não é construtivista como já foi pregado por alguns, mas uma teoria sócio histórica interacionista que vem completar de maneira unânime a teoria construtivista de Piaget, sendo um dos teóricos pioneiros a estudar a cultura, as interações sociais e enfatizar o papel da linguagem e do pensamento na mediação do conhecimento.

Dessa forma, é importante ressaltar que para Vygotsky (1998, p. 1):

O estudo do pensamento e da linguagem é uma das áreas da psicologia em que é particularmente importante ter-se uma clara compreensão das relações interfuncionais. Enquanto não compreendermos a inter-relação de pensamento e palavra, não poderemos responder, e nem mesmo colocar corretamente, qualquer uma das questões mais específicas desta área. Por estranho que pareça, a psicologia nunca investigou essa relação de maneira sistemática e detalhada. As relações interfuncionais em geral não receberam, até agora, a atenção que merecem. Os métodos de análise atomísticos e funcionais, predominantes na última década, trataram os processos psíquicos isoladamente.

Dessa forma, a linguagem e o pensamento estão fortemente conectados, pois é através da linguagem e dos símbolos escolhidos como metáforas ou outras figuras que se constituem em valiosas moedas de trocas, isto é, de interação feita através da linguagem, que se realiza uma espécie de mediação do indivíduo com a cultura, assim a linguagem é a ferramenta que torna o animal homem verdadeiramente humano.

Piaget valorizava o individual, Vygotsky afirmava que aquilo que parece individual na pessoa é na verdade resultado da construção da sua relação com o outro, no coletivo, que está ligado à cultura. Assim, as características e atitudes individuais estão profundamente impregnadas das trocas com o coletivo e é justamente na cultura dos seus valores, na negociação dos sentidos que se constrói e se internaliza o conhecimento.

Nessa concepção, a importância da Psicologia da Aprendizagem tem como objetivo lógico e único o estudo do homem psicológico em distinção às outras espécies “irracionais”. Ela estuda a evolução da capacidade intelectual, motora, sociável e afável do ser humano. Por meio da Psicologia do Desenvolvimento, ela é capaz de detectar as ações mais complexas das atividades psíquicas no adulto, que são produtos de uma longa jornada cultural, ontológica e filogenética.

Portanto, o desenvolvimento da aprendizagem é a passagem pela qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que conhece seu grupo social. Para que a criança se integre num grupo de seres humanos maduros, é necessário o convívio com pessoas adultas e com outras crianças mais experientes para uma troca de saberes individual e coletiva.

### **Considerações Finais**

Ao desenvolver este trabalho, procuramos apresentar as principais teorias de aprendizagem interacionistas/cognitivistas de Piaget, Wallon e Vygotsky e as teorias comportamentalistas desenvolvidas especialmente por Skinner; no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, percebemos pontos conceituais importantes nas correntes teóricas, fazendo-se, assim, necessário discutir e compreender essas abordagens teóricas para melhor auxiliar a prática pedagógica dos professores nas escolas.

Dessa forma, notamos, que do ponto de vista pedagógica, Piaget, Wallon, Vygotsky e Skinner contribuem com suas teorias e ideias, de forma significativa, para a compreensão do desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Sendo assim, sugere-se que o professor compreenda as teorias da Psicologia da Aprendizagem para que possa auxiliar melhor a sua prática pedagógica.

Ao estudar e compreender as teorias da aprendizagem, melhora-se e aperfeiçoa-se a compreensão acerca de como se dá o processo de ensino-aprendizagem, pois permitem um exame geral do quadro educacional, de modo que possam integrar diferentes abordagens que melhor se adaptam aos trabalhos pedagógicos. Sabe-se que nenhuma teoria da aprendizagem desenvolvida irá esgotar e fornecer um entendimento total do assunto, porque a ciência é uma

área do conhecimento que está em constante transformação.

As práticas e teorias educativas necessitam ser sempre revistas diante das novas tecnologias, pois, com os recentes avanços na comunicação informatizada, o domínio de vocabulários novos e de outros aspectos da linguagem e da escrita pode contribuir para novos pensamentos, conceitos e novas formas de expressão do pensamento humano.

A receptividade que a temática possibilita neste trabalho deve ser interpretada como um indicador positivo e enriquecedor da necessidade que há de abordá-la e de limitá-la, tanto no plano da teoria como no da prática, quanto no embasamento da práxis psicopedagógica. O trabalho sinaliza também um método de filtragem, que vem atribuindo à psicologia da educação um lugar de destaque cada vez maior no campo da ciência do desenvolvimento humano da aprendizagem. Os trabalhos e pesquisas dos teóricos nos ajudam a compreender como compreendemos, a entender como entendemos, a aprender como aprendemos, e a ensinar como ensinamos. Além de nos preocuparmos com o que ensinamos, é da ordem das preocupações do educador, em todas as suas funções, investigar como ensinar e por que ensinar de tal forma o que ensinamos e como ensinamos... Enfim, precisamos pensar sobre o que fazemos, para que fazemos e como fazemos na prática do cotidiano das escolas.

A participação de todos por uma melhoria no ensino e aprendizagem de nossas crianças é algo essencial para um país mais justo e igualitário, em que os profissionais da educação passem a exercer de forma unânime e plena o seu papel de agentes formadores e construtores de uma cultura que tenha cada vez mais pessoas que despertem o prazer e o gosto pela leitura e escrita.

Portanto, as teorias apresentadas contribuem de alguma maneira para a formação dos professores e estudantes ao proporem a reflexão de diferentes abordagens teóricas, através da compreensão e assimilação existente entre as principais teorias acerca do desenvolvimento humano. A técnica da educação admite que os educadores façam reajustes nas teorias, para que estas possam ser aplicadas de uma forma mais adequada em relação aos alunos, levando em consideração o contexto escolar e social.



# Psicologia da Educação: Processos de Ensino- Aprendizagem

## Introdução

O professor, ao entrar em contato com a sala de aula e, principalmente, com o aluno, deve organizar biológica e emocionalmente o equipamento cerebral para as funções de aprendizagem, ou seja, partir do pressuposto de que os alunos precisam, sobretudo, se apropriar e compreender o que significa o saber e como ele absorve informações vindas do mundo exterior, através da socialização, e através do seu processo mental, individual, construído com base no próprio conceito de pessoa e não do comportamento. Essa aprendizagem acontece desde o início da vida, em que o sujeito aprende a falar, andar, relacionar-se com a família, com amigos, com pessoas desconhecidas e compreender os acontecimentos decorrentes das atitudes, de forma sábia, como também, aprender com formalidade no ambiente escolar. Há, ainda, aprendizagens decorrentes de forma natural; Não precisamos ensinar a alguém que o corpo, depois de certo tempo exposto a um ambiente de trabalho qualquer, precisa de descanso, que é preciso andar ou, simplesmente, alimentar-se. Tais atitudes e comportamentos acontecem quando não temos ideia de onde nem quando vieram.

Na prática docente, observa-se que os alunos aprendem de forma distinta. Há aqueles que têm uma melhor aprendizagem quando o conteúdo é apresentado de uma forma diferente e há aqueles que precisam de parâmetros e organizações que facilitem o processo de aprendizagem, que se baseia, também, no processo de ensino do professor em sala de aula. O professor precisa estabelecer uma conexão com o aluno, estando disposto, sobretudo, a ouvir mais do que falar, a procurar compreender as dificuldades que os alunos encontram, quais disciplinas são melhores de serem compreendidas e quais as facilidades encontradas.

Para ROGERS, Carl (1902-1987): O aprendizado deve está centrado no aluno. Para ele, uma aprendizagem adequada é aquela que leva o aluno a “aprender a aprender”, ou seja, para além da importância dos conteúdos, o mais significativo para Rogers é a capacidade do indivíduo interiorizar o processo constante de aprendizagem.

O professor precisa tornar-se um facilitador da aprendizagem, acreditando, assim, na pessoa do aluno, na capacidade de produzir conhecimentos, de sistematizar informações e

aprender a (re) criar significados que favoreçam uma visão pacífica e satisfatória, em que o aluno possa ser capaz de pensar por si próprio, atribuindo valores e significados aquilo que pode ser visto ou compreendido.

Na busca de entendermos o processo da educação com base na psicologia, apresentaremos, a seguir, reflexões iniciais surgidas durante a fase do estudo realizado junto ao professor do curso de Licenciatura em Pedagogia, através de um questionário subjetivo. O estudo tem como objetivos identificar as percepções que os professores acadêmicos têm sobre sua atuação no processo de ensino- aprendizagem dos alunos e analisar questões referentes aos modos de aprendizagem, as estratégias de mediações pedagógicas, como também, as dificuldades e facilidades encontradas ao se trabalhar em sala de aula.

## **A Escola Como Espaço de Socialização do Conhecimento**

Na busca do entendimento e compreensão sobre o processo pelo qual os homens aprendem, existem, basicamente, três concepções subjacentes às teorias de aprendizagem, de acordo com AMARAL, (2007, p.2):

**Comportamentalismo ou Behaviorismo:** focaliza a atenção nos comportamentos observáveis e mensuráveis, valorizando as respostas aos estímulos. A ideia básica é que se um determinado comportamento tem uma boa consequência, ele tende a se repetir. Ao contrário, se a resposta for desagradável, a tendência é o comportamento diminuir de frequência; **Cognitivismo:** interessa-se pelos processos interiores que ocorrem entre o estímulo e a resposta, ou seja, os processos mentais como as percepções, a compreensão, as tomadas de decisão, a atribuição de significado. Admite que a cognição se dá por construção, sendo por isso tais teorias também conhecidas como **Construtivismo;** **Humanismo:** da importância à auto- realização do sujeito aprendiz, isto é, à sua satisfação pessoal. Valoriza fundamentalmente os sentimentos e os pensamentos dos alunos. [grifo nosso]

Analisando as três concepções básicas, percebe-se, em síntese, que o Behaviorismo ou Comportamentalismo baseia-se na ideia de que a psicologia pode ser vista como um ramo objetivo e experimental, em que o homem pode controlar seus próprios comportamentos. Deverá existir uma reação em toda a ação realizada e uma análise nesta, com intuito de compreender

e/ou condicionar apenas aquilo que lhe gerou conhecimento. John Watson (1878

– 1958), fundador do Behaviorismo, estabeleceu, como objetivo maior, chegar a leis que interagissem e/ou relacionassem estímulos a determinadas consequências comportamentais.

Já o cognitivismo, baseado na teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget, preocupa-se em analisar como o ser humano conhece o mundo, preocupando-se com os fenômenos da consciência, da construção pessoal, resultado do interno pelo qual o sujeito coordena diferentes pensamentos e noções e atribuem significados, relacionando-os e organizando-os com outras anteriores. Para Piaget, os processos cognitivos podem ser entendidos como padrões mentais subjacentes a atos de inteligência, já Vygotsky (1896- 1934), defende que o desenvolvimento cognitivo tem origem e natureza sociais e não são frutos exclusivos do desenvolvimento mental. Para ele “o indivíduo” conhece na medida em que constrói sua estrutura cognitiva e interpreta os eventos e objetos do mundo, respondendo não apenas mecanicamente a eles. “As estruturas prévias, as inter-relações com o mundo circundante, os construtos já incorporados pela cultura do sujeito, são, então, fundamentais nessa construção individual.” (INSERIR AUTOR E OBRA) Compreende-se que, dessa forma, o sujeito passaria a ser um aprendiz ativo e criativo do seu próprio saber e não um mero receptor de conhecimentos.

Finalizando as análises sobre as concepções básicas das teorias da aprendizagem, segundo Abraham Maslow (1908-1970) o “Humanismo caracteriza-se, basicamente, por centrar-se no conceito de pessoa; não no de comportamento”. Enfatiza, ainda, a condição de liberdade contra o determinismo e objetiva a compreensão e o bem-estar humanos. Para o Humanismo, há uma tendência natural do ser humano aprender, adquirir conhecimentos, habilidades, sendo necessário, para tanto, a independência, o estímulo, a criatividade e a autoconfiança para uma aprendizagem satisfatória.

Para uma melhor compreensão de cada uma das teorias, faz-se necessário identificar como estas se apresentam em sala de aula, de acordo com alguns depoimentos de professores. Vejamos:

“João terminou sua aula de Geografia e na lanchonete se encontra com Dulce e Raimundo, outros dois professores da escola”. Está super contente porque considera que hoje

de uma aula fantástica.

\_ Pessoal, vocês não sabem como hoje foi incrível. Não tinha jeito de fazer meus alunos se interessarem pela discussão do clima. Eu ia lá, falava direitinho sobre clima tropical, clima equatorial, clima temperado, e nada deles “entrarem no clima”. Hoje resolvi fazer o contrário. Comecei comentando com eles a notícia do Jornal Nacional de que estava nevando no sul do país. “E aqui é esse inferno! Podia esfriar um pouquinho, não era professor”, disse um deles. Era a dica que eu queria. Engatei: ”pois é, o que será que eles têm que a gente não tem, né?” pois não é que fomos discutindo e ao final tínhamos visto todos os fatores que interferem no clima? Foi muito legal!!!

“\_ E aí, pergunta Dulce, você acha que eles aprenderam? Que nada, vão sair dizendo que você não dá aula, que fica comentando os programas de televisão. Pois comigo é diferente. Bolei um joguinho com eles. Cada vez que um deles lê um texto com a pronuncia do inglês perfeito, ganha o direito de usar meu computador no recreio. Precisa ver como agora todo mundo quer ler. E estão lendo direitinho, os danados. Parece que treinam em casa.”

\_ Vixe, Dulce, assim também... Você está “comprando” a turma, disse Raimundo. Pois nas minhas aulas eu procuro ver o que “toca” eles. No inicio do semestre quando levo o programa da disciplina, sempre deixo um espaço para eles sugerirem algum tema dentro do assunto. E saem coisas interessantes, sabiam? Outro dia, na turma de História do Brasil, um deles disse: “professor, com essas histórias aí de corrupção nas eleições, por que a gente não coloca aí uma discussão sobre como é que isso surgiu?”, pois a discussão evoluiu ao ponto da turma, ao final, propor uma reforma política! Acho que vou até encaminhar para discussão na Câmara Federal, porque ficou legal, viu?

Com base nas três discussões acima, percebe-se que na primeira discussão, a teoria predominante é a do cognitivismo, que considera o sujeito consciente e suas relações sociais; na segunda discussão, o behaviorismo ou comportamentalismo prioriza a observação dos comportamentos externos, o sujeito é condicionado a fazer alguma coisa e, por último, a teoria predominante baseia-se no Humanismo, que considera o indivíduo e suas particularidades.

É notório que, para uma boa aprendizagem, é necessário que o professor, além de

um bom conhecimento sobre o conteúdo que deve ministrar, deve, sobretudo, saber lidar com o comportamento dos alunos, de modo a envolvê-los no processo de aprendizagem.

(ROGERS apud AMARAL, 1986, p.131) propõe algumas qualidades que o professor precisa ter para ser um facilitador:

A primeira é a autenticidade do facilitador, que significa a capacidade de ser autêntico e real na relação com o aluno; a segunda é aceitar a pessoa do aluno, seus sentimentos, suas opiniões, sem julgamentos prévios; a terceira é a capacidade da empatia, ou seja, compreender o aluno a partir do seu quadro de referências. “quando o professor tem a capacidade de compreender internamente as reações do estudante, tem uma consciência sensível da maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se apresenta ao estudante”.

Descobrir os estilos de aprendizagem e de desenvolvimento favorece, aos professores, a oportunidade de construir suas próprias estratégias que possam permitir uma melhor maneira de adquirir conhecimentos e habilidades, as quais constituem um estilo de aprendizagem. O professor pode observar o estilo de aprendizagem do aluno, numa composição de grupos por mais de duas pessoas, partindo do mesmo nível de conhecimento em determinada matéria. Nesse grupo, pode-se analisar que existirão diferenças com relações aos conhecimentos de cada membro, apesar de terem recebido as mesmas explicações e feito às mesmas atividades. Cada indivíduo aprenderá de forma diferente, terá dúvidas distintas e progredirá mais em uma disciplina do que em outras. Tais processos distintos de aprendizagem, que varia de pessoa por pessoa, pode ser entendido por variações e/ou fatores que implicam no processo de aprendizagem satisfatório ou não. Alguns dos fatores que observamos dizem respeito à motivação, aos conhecimentos prévios, ou seja, ao conhecimento já adquirido ou, simplesmente, a idade.

Dessa forma, o professor deve estabelecer um elo com os alunos, procurando relacionar os fatores citados acima (motivação, conhecimentos prévios e idade) com o seu processo de ensino. Assim, segundo PRETI (2010, p. 13), o professor “tem na relação pedagógica a função de articular o ensino e aprendizagem”. Para tanto, o papel do professor ultrapassa a perspectiva de um mero produtor de conteúdo, pois sua função enquanto educador ultrapassa a reprodução. Deve-se, desta forma, o professor ser, segundo Preti (2010, p. 10):

O autor. Em seu sentido etimológico, é aquele que cria, que produz algo seu, que inova e rompe com o estabelecido. Mais que tudo, é que provoca o leitor, que o estimula à reflexão, ao diálogo com o autor, convidando-o para, juntos, atribuírem novos significados, novas feições ao texto.

O autor acima define características que evidenciam o papel do professor enquanto educador, não devendo ser apenas um mero produtor, mas, sobretudo, um autor capaz de atribuir significados distintos, levando em consideração, também, a realidade, com as experiências e vivências do aluno.

### **Resultado da Pesquisa**

Levando-se em consideração o processo de interação entre professor-aluno, o professor deve favorecer e/ou proporcionar mediações pedagógicas que auxiliem no processo de desenvolvimento e na relação com a realidade, construindo novos conhecimentos que satisfaçam aos desejos tanto do docente quanto do discente que, em sua maioria, almeja igualar ou superar o conhecimento e/ou informações repassadas pelo professor. Para tanto, o professor precisa ter domínio no ambiente escolar; tal domínio não diz respeito à superioridade extrema, porém, uma autoridade responsável, pensando sempre que o objetivo e a essência é, sobretudo, construir cidadãos ativos, críticos e reflexivos, usufruindo da ética e do compromisso tanto com a escola, encarregada de transmitir saber que permitem a construção do conhecimento e a ampliação de novos horizontes, quanto com a sociedade que, também, interferem nos processos sociais do homem, ajudando-o a ser consciente do seu papel, enquanto seres humanos. A família, a sociedade e a escola são o tripé que ajudam aos alunos produzirem novas ações e novos conceitos.

Analisando as questões, observa-se que o professor promove interações com os alunos na sala de aula, utilizando estratégias como formação de grupos que permite uma dialogicidade entre os alunos, visto que, as opiniões são distintas e eles precisam aceitar a opinião do outro, entendendo que cada um tem a sua forma de pensar e/ou agir, reconhecendo a diferença do outro e a de si, alcançando, assim, diversos níveis de desenvolvimento; além da formação de grupos, observa-se que o professor também utiliza jogos em sala de aula, este que permite ao aluno, utilizar estratégias para se alcançar o objetivo sem risco e sob seu controle.

Percebe-se que há dificuldades encontradas, principalmente quando diz respeito a um tema bastante polêmico, recheados de mitos: sexualidade; a escola, juntamente com a família, precisa trabalhar de forma prazerosa e afetiva.

Conversando com o professor, percebemos que o docente tem o conhecimento das teorias abordadas dentro da Psicologia da educação. No exercício de sua profissão, vimos que o professor elenca três princípios básicos pautados pela Psicologia, que ajudam no desenvolvimento das aprendizagens; Ele utiliza a observação, os experimentos e a análise, sendo considerado como recursos importantes para o desenvolvimento das aprendizagens. No entanto, percebe-se que o professor, entende o processo de aprendizagem, como um processo pelo qual se adquire conhecimentos, e compreende que é nesse caminho que ocorre a assimilação de ensinamentos indispensáveis a formação ativa, humanizada dentro de uma sociedade ativa.

Por fim, o professor termina sua fala dizendo que, os conhecimentos da Psicologia ajudam a compreender as dificuldades no processo ensino/aprendizagem, mas relata que o princípio da observação, juntamente com a investigação e análise dos resultados fornecem benefícios para entender e melhorar a situação.

### **Considerações Finais**

Observamos, ao analisar a pesquisa, que o professor deve “aprender a aprender” no processo de ensino-aprendizagem, e que ainda há inúmeras dificuldades encontradas no contexto escolar, que pode ser tanto de responsabilidade do professor quanto da família e da sociedade, pois, os alunos possuem contextos sociais distintos, realidades opostas que distorcem a visão do professor, que muitas vezes depara-se com situações que carecem um olhar cuidadoso, atencioso, que procura ouvir mais do que falar, a situar-se naquilo que o aluno sente ao entrar em contato com a escola e com os colegas. Tais situações fazem com que o professor alimente o desejo de construir saberes condizentes as realidades dos alunos, a vencer as barreiras encontradas, a quebrar os paradigmas advindos de uma sociedade baseada no egoísmo, que pouco se importa com o sentimento de quem está ao lado. O professor deve, assim, deixar o autoritarismo cair, e tentar, acima de tudo, ser amigo, (re) produtor de saberes e conhecimentos, psicólogos da educação, formadores de mentes brilhantes, criativas, ativas, capazes de alcançar sucesso pessoal e profissional, de acordo com os desejos pessoais de cada um.

A escola precisa apoiar os alunos carentes de informação, de conhecimento, de amparo, de disciplina e produzir um espaço de carinho, respeito, harmonia e afeto tanto ao ambiente, envolvendo professores e demais alunos, como também ao próprio conteúdo transmitido pelo professor, este, evidentemente, fundamentais para uma aprendizagem capaz de envolver, contribuir e transformar a ideologia acirrada no atual contexto.

Assim, observa-se que, apesar de o professor demonstrar sabedoria e/ou psicologia na sala de aula, faz-se necessário que as estratégias metodológicas e/ou recursos didáticos, como: apresentação de filmes, relatos de experiências, textos, elaborações de textos, observações e pesquisas, sejam, ainda mais, revestidas de significação, refletindo-se em práticas pedagógicas que alcancem bons frutos. Pretendemos, ao finalizar o trabalho, evidenciar que o assunto não se esgota, pois é necessário um estudo aprofundado acerca de temas que envolvem a psicologia da educação e dos fatores relacionados ao ensino-aprendizagem, levando-se em consideração a realidade de cada aluno.





## Quem Somos

A Valecup Cursos Pedagógicos é a maior escola na área de Pedagogia do país no ensino a distancia, com 5 estrelas sendo a maior instituição particular mais bem conceituada do Brasil na área de Pedagogia com mais de 50 opções de cursos.

**São 10 Anos de Tradição em Ensino de Qualidade!**

Todos os cursos são aprovados e reconhecidos com honra ao mérito pelas melhores instituições e faculdades.

Com sede em Brasília e atuação em todo o território nacional, tem sua história marcada pela ajuda aos professores e professoras de nosso país.

**Atualmente a Valecup Conta Com 200 Mil Alunos Matriculados em Todo o País.**



**CLIQUE AQUI PARA  
CONHECER MAIS CURSO**

Parabéns por concluir  
o estudo da apostila!!

Que tal conhecer outros cursos?  
Acesse o nosso site  
e conheça todos os nossos  
cursos com **certificado!**



## Referências

Educação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o>

Aprendizagem. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizagem>

### PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO MENTAL DO INDIVÍDUO

Maria Sebastiana Gomes Mota (Pós-graduanda em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio na Modalidade EJA.)/ Francisca Elisa de Lima Pereira(Professora Dr<sup>a</sup> do Curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio na Modalidade EJA ) Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc\\_desenvolvimento.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf).

Psicologia educacional; Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia\\_educacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_educacional)

DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM NA ETAPA DE 0 A 6 ANOS. Andreza Loyola Musso. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/desenvolvimento-e-a-aprendizagem-na-etapa-de-0-a-6-anos/>

CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO. Kesia. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/contribuicao-psicologia-para-educacao/>